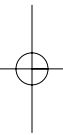

PARTE I

A religião dos lusófonos nos E.U.A.

coordenação de
JOSEPH ABRAHAM LEVI

Estudos & Testemunhos



A B E R T U R A

Palavras prévias

Este volume da *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* alarga substancialmente o horizonte da lusofonia a que se propõe o projecto desta publicação. Consolidada que está a relação, com constantes artigos e presença no corpo redactorial e científico, ao Brasil abrimos agora esta dimensão de cultura, de língua e de pertença, e mesmo de identidade ao mundo lusófono, fora das fronteiras normalmente aceites, as clássicas definições dos Estados.

Este número, com toda a honra o afirmamos, tem como seu *dossier* central, a religião dos lusófonos nos Estados Unidos da América, nomeadamente na chamada Nova Inglaterra. Zona de forte presença de portugueses e de luso-descendentes, a Nova Inglaterra é um centro da cultura lusa nos EUA.

Sempre muito ligados às suas identidades, mais fortes em terras distantes, a religiosidade também tomou formas diferentes, específicas, próprias. Foi isso que em boa altura pedimos ao Prof. Joseph Abraam Levi, do Rhode Island College; que fosse auscultar de algumas das especificidades da religião destes falantes lusos e dos seus descendentes.

A proposta que recebemos foi ainda mais aliciante: reunir um grupo de testemunhos, de memórias vivas de alguns das personagens mais marcantes nesse contexto. Passámos de uma História descoberta para uma vivência contada na primeira pessoa.

Paulo Mendes Pinto
Director

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

O que aqui temos, neste volume, é um profundo, vivido e marcante conjunto de relatos sobre a vida e a construção destas comunidades. A Manuel Nascimento Gomes, Augusto Lopes, Rogério Medina e Rev. John Amaral, que se voluntarizaram para colaborar, dando as suas entrevistas, o nosso agradecimento.

Ao Prof. Joseph Levi, pelo esforço e empenho que lançou neste projecto, o nosso reconhecimento.

E S T U D O S

O vulto sagrado dos E.U.A. O longo caminho para a liberdade de expressão

análise de algumas das confissões religiosas norte-americanas

Até 1908, os Estados Unidos da América eram considerados missão apostólica. Depois de um período de transição (1908-1962), o Catolicismo estado-unidense ressurgiu com uma autonomia ímpar, sobretudo graças ao Concílio Vaticano II (1962-1965) e, mormente, às sempre mais crescentes exigências do momento: de um lado os ideais de liberdade dos anos sessenta do século XX – aliás comuns a todos os países ocidentais – e do outro, o desejo de experimentar novos rumos que pudessem responder melhor à situação do homo religiosus americanus.

Joseph Abraham Levi

*Professor Assistente
do Institute for Portuguese
and Lusophone World Studies
Center for Public Policy
Rhode Island College*

Este estudo é um excursus religioso no futuro território dos Estados Unidos da América, desde a implantação das primeiras treze colónias anglo-americanas até à actualidade, nomeadamente, entre as primeiras décadas do século XVII e os primeiros anos do século XXI. Apesar de as primeiras colónias europeias na América do Norte – especificamente, espanholas, britânicas e francesas – se terem estabelecido na Florida (San Agustín, 1565), na Virgínia (1584-1589; 1607) e no Quebeque (1608), a região da actual Nova Inglaterra é geralmente considerada como o ponto de partida da futura colonização britânica em solo norte-americano e, consequentemente, o berço cultural/religioso-moral dos futuros Estados Unidos da América¹.

Em 1619 a vertente atlântica que se estende do actual Quebeque à Virgínia e ao Maryland de hoje viu a primeira importação de escravos africanos assim como o estabelecer-se de pequenos núcleos familiares britânicos², cuja colonização era dirigida por companhias de comércio e por fidalgos ingleses, ambos em busca de fáceis lucros.

¹ A Nova Inglaterra é a região do Nordeste dos Estados Unidos da América a abranger os hodiernos estados: Maine, Novo Hampshire, Vermont, Massachusetts, Connecticut e Rhode Island.

² Além dos Britânicos, Espanhóis e Franceses, também se encontravam cidadãos de outros estados europeus – ou cidades-estados, como no caso dos Italianos –, entre os quais ressaltam Dinamarqueses e, principalmente, Holandeses, estes últimos sendo aqueles que mais contribuíram para a formação da jovem colónia britânica além-mar.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

Contudo, outros grupos de colonos atracaram às costas atlânticas norte-americanas — sempre entre o Quebeque, a Virgínia e o Maryland — como refugiados político-religiosos, fugindo da intolerância da Igreja Anglicana. Eram, estes, os Pais Peregrinos, os Puritanos da famosa embarcação *Mayflower*³.

O Período Colonial estado-unidense⁴ de matriz britânica, oficialmente começado em 1620, durará assim pouco mais de cento e cinquenta e cinco anos (1620-1776). Esta primeira etapa colonial é por sua vez subdividida no 1.º Período Inglês (1620-1654), no Período Holandês (1654-1664) e no 2.º Período Inglês (1664-1776), este último terminando em 1776 com a Declaração da Independência:

- 1.º Período Inglês (1620-1654)
- Período Holandês (1654-1664)
- 2.º Período Inglês (1664-1776)
- 1776: Declaração da Independência⁵.

O Período Colonial é seguido pelas seguintes épocas histórico-políticas:

- 1.º Período Nacional (1776-1884);
- 2.º Período Nacional (1884-1945);
- 3.º Período Nacional (1945-11 de Setembro de 2001);
- 4.º Período Nacional (11 de Setembro — até aos nossos dias), o qual, devido aos trágicos acontecimentos em Nova Iorque, deu início ao renascer dos sempre presentes sentimentos religiosos, espirituais, patrióticos, fanáticos e, infelizmente, xenófobos da jovem república estado-unidense para com o “elemento alheio”, entenda-se, um sentimento de ódio, obviamente baseado na ignorância, contra qualquer pessoa que não possua nem origem étnica anglo-saxónica/báltico-eslava nem pertença a qualquer uma das inúmeras confissões do ramo protestante do Cristianismo.

³ Com a expressão “Pais Peregrinos”, Pilgrim Fathers, designam-se os cento e dois emigrantes britânicos que se encontravam a bordo da *Mayflower*, incluindo os trinta e cinco separatistas Puritanos anteriormente exilados na Holanda. Os Pais Peregrinos são assim considerados como os primeiros colonos britânicos na Nova Inglaterra (1620) e, por extensão, devido aos seus ideais religiosos, dos futuros Estados Unidos da América. O seu novo lar foi baptizado Plymouth Colony.

⁴ Aconselha-se o uso do adjectivo “estado-unidense” em vez do mais popular, mas geograficamente incorrecto “norte-americano”, dado que este último vocábulo pode referir-se a um indivíduo ou uma coisa proveniente de qualquer um dos três países norte-americanos, nomeadamente: o Canadá, os Estados Unidos da América e o México. Contudo, o uso do adjectivo “norte-americano”, sobretudo graças ao seu uso quotidiano nos meios de comunicação — da Televisão à Internet, passando pela Imprensa —, parece ter alcançado um nível de aceitação tão elevado que a palavra é já dada como sinónimo de “estado-unidense” em dicionários e enciclopédias publicados em Portugal e no resto do mundo de língua portuguesa, mas não no Brasil onde o adjectivo “estado-unidense” é preferido ao mais incorrecto “norte-americano”. Quando possível, usaremos o termo “estado-unidense” para designar um indivíduo ou uma coisa proveniente dos Estados Unidos da América ou a designar a sua cultura e os seus habitantes. Todavia, sobretudo por motivos de clareza e/ou para facilitar a leitura — tornando-a assim mais acessível —, haverá casos nos quais usaremos o “recém-nascido” sinónimo “norte-americano”.

⁵ Em 1999 foi publicada uma análise textual da Declaração da Independência, baseada em documentos inéditos da época. Inicialmente começada pelo bibliotecário Julian Parks Boyd, esta reprodução foi editada pelo eminente estudioso Gerard W. Gawalt, bibliotecário da *Library of Congress*. Veja-se: Julian Parks Boyd. *The Declaration of Independence. The Evolution of the Text*. Ed. Gerard W. Gawalt. Washington: Library of Congress, Thomas Jefferson Memorial Foundation, UP of New England, 1999.

As crenças religiosas dos povos indígenas dos futuros Estados Unidos da América e do actual Canadá foram vistas pelos primeiros colonos europeus como expressão do Mal, adoração do diabo e dos espíritos infernais.

Infelizmente só durante o século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial (1945), é que a imagem dos Ameríndios norte-americanos muda e, com ela, a ideia de que a sua religião, em si um conjunto de valores espirituais muito complexos, é digna de consideração, assim como qualquer outra grande religião, monoteísta ou não, do orbe terráqueo. Para todos os povos autóctones o ambiente que os rodeava constituía, em si, material religioso: as almas; os espíritos, outros seres humanos, o Cosmo, a terra (entenda-se, o solo) e a Terra. Consequentemente, não existia uma figura teocrática central, que ditava os mandamentos, as normas e as condutas de vida.

Desde os primórdios da presença britânica em solo norte-americano, colonos, administradores e homens de cultura ingleses compreenderam que para eles, neste vasto território além-mar, “Religion [...] seem[ed] to wear the face of the country; part moderately cultivated, the greater part, wild and savage”⁶. Estas palavras *baconianas*, proferidas há mais de quinhentos anos, foram definitivamente proféticas: desde os alvares da colonização, a religião no Novo Mundo de língua inglesa encontrava-se entrelaçada com a geografia, o ambiente e o *habitat* no qual se movia. De facto, ao longo dos séculos, sejam estes cristãos ou não, diversos grupos étnico-religiosos europeus, em distintos lugares e em diferentes maneiras, modificaram o seu *habitat* e, por sua vez, foram modificados pelo ambiente geográfico norte-americano.

Os Baptistas, por exemplo, edificaram as suas igrejas perto dos rios, para assim facilitar o baptismo por imersão. Os Puritanos, ao invés, ergueram capelas nas partes laterais e centrais das cidades, obviamente para mais facilmente controlar a população e vigiar os seus desvios morais. Os Mórmones do século XIX fundaram muitas cidades com o nome do bíblico Sião (Jerusalém) para depois abandoná-las à procura da sua terra prometida, eventualmente encontrada no futuro território (1847) e depois estado (1896) do Utah. O Luteranismo de matriz sueca implantado no futuro Minnesota sofreu modificações e ajustes para assim adaptar-se à cultura local e, mormente, às exigências do momento. O mesmo destino tocou ao Judaísmo estado-unidense. No Novo Mundo a Lei de Moisés — sobretudo a partir dos meados do século XIX, e, infelizmente para os Sefarditas, até esta altura a minoria, graças à adição de novos imigrantes provindos do leste europeu — também foi forçada a ver uma divisão, ora pacífica, ora polémica, no seio da sua organização religiosa.

Resulta óbvio, então, que a redução numérica ou o crescimento de diferentes grupos religiosos, o seu conseqüente movimento físico através do espaço e tempo, o seu *habitat* e os seus encontros com outras populações e culturas, regionais, nacionais ou até de origem internacional, alteraram a imagem de si próprios, da própria doutrina religiosa e cosmogonia, transformando-se em algo às vezes diferente da fé originária.

Dadas as primeiras presenças espanholas em solo norte-americano, resulta óbvio,

⁶ Francis Bacon (1561-1626), escritor, filósofo e político inglês que, entre outras qualidades, soube dar expressão clássica àquilo que seriam os ideais humanos da ciência moderna, nomeadamente, servir-se da realidade para que esta última possa ser, por sua vez, melhor e facilmente dominada pelo homem. A citação reproduzida no texto provém de uma carta que Bacon mandou do Maryland à sociedade missionária londrina. Veja-se: Edwin Scott Gaustad e Philip L. Barlow. *New Historical Atlas of Religion in America*. Oxford: OUP, 2001, xxi.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

então, que até quase ao fim da primeira década do século XVII a religião predominante no futuro território dos Estados Unidos tenha sido o Catolicismo. Colonos, conquistadores, exploradores e missionários — sobretudo espanhóis, italianos e portugueses — expandiam a cultura europeia (entenda-se, espanhola) e a fé católica em zonas como a Florida de hoje e o então vasto território do Sudoeste⁷.

A vinda de colonos anglo-saxões de adesão protestante na hodierna Virgínia (1607) e na zona geográfica da Nova Inglaterra — (1620-1630) —, nomeadamente, o estabelecer das primeiras colónias puritanas em Plymouth e na Baía do Massachusetts — também deu início que será uma das características mais típicas da futura nação americana: a sua religiosidade.

Apesar de ter origem no Puritanismo, no Anglicanismo e nas várias denominações protestantes do Norte da Europa do século XVIII, desde o início da sua implantação em solo norte-americano, a religiosidade veio assim a adquirir uma particularidade completamente *sui generis*, tipicamente americana, a qual perdurou nos anos e nos séculos, para continuar ininterrupta até aos nossos dias.

Usando Nova Iorque como linha de demarcação, em linhas gerais podemos afirmar que ao norte da futura capital comercial da jovem república estado-unidense, sobretudo em alguns estados da Nova Inglaterra, o *Congregacionalismo Puritano* (*Puritan Congregationalism*) era a norma, de tal maneira que foi formalmente declarada religião oficial do Novo Mundo de língua e cultura inglesas. Nos estados ao sul de tal linha divisória — ou seja, entre a Nova Jersey e Washington —, ao invés, dado que se encontravam muitos Irlandeses e Escoceses de rito presbiteriano a viverem conjuntamente com outros colonos de diferentes confissões protestantes, nunca surgiu uma única denominação protestante que pudesse ser considerada maioritária.

O futuro estado da Pensilvânia, por exemplo, teve o assim chamado *Holy Experiment*, ou seja, o Experimento Sagrado dos Quacres (1681-1756)⁸. Os Quacres, oficialmente uma Sociedade Religiosa de Amigos (*Religious Society of Friends*), viviam lado a lado, e muito pacificamente, com outros europeus das demais denominações protestantes, sobretudo de proveniência germânica, nomeadamente Luteranos, Reformistas e Anabaptistas. O único oásis católico, aliás muito brevemente, no meio de todas estas denominações de cunho protestante, foi o Maryland. Ao sul de Washington, ao invés, o Episcopalismo era “a lei da grei”. Apesar da forte presença católica na Nova França, estabelecida em 1608, o catolicismo franco-canadiano não exercitou nenhuma influência maciça nos pequenos enclaves católicos do país vizinho.

No Reino Unido, os Puritanos ingleses dos séculos XVI-XVII — entre os quais se encontravam muitos Calvinistas — que ardentemente desejavam “purificar” a Igreja

⁷O Sudoeste abrange os seguintes estados e as actuais zonas geográficas estado-unidenses: o Novo México e Arizona, assim como as partes meridionais do Utah e Colorado, o extremo sudeste da Califórnia, o extremo sul do Nevada e o noroeste do Texas contíguo à fronteira com o Novo México.

⁸William Penn, (1644-1718), colono quacre e colonizador da Pensilvânia em 1681, foi o fundador de Filadélfia e, sobretudo, o defensor da liberdade de consciência. Porém, apesar deste liberalismo, só aqueles que professavam a fé em Jesus podiam votar e exercer um cargo público nesta recém-nascida colónia. Não obstante isso, e contrariamente à atitude dos outros europeus em solo norte-americano, os Quacres sempre tiveram uma boa relação com os povos ameríndios. Infelizmente, o influxo de outros colonos europeus levou a que os antigos ideais quacres passassem a segundo plano, sendo suplantados pelo lucro e pela consequente vida secular baseada na acumulação de bens materiais. A lei sobre os impostos para motivos bélicos foi a razão pela qual, desgostosos, os Quacres abandonaram todos os cargos políticos na Assembleia Pública, pondo assim fim a quinze lustros de *Experimento Sagrado* (1681-1756) em solo norte-americano.

Anglicana dos seus inúmeros pecados, começaram a atacar a pomposidade de ambas as vestimentas e as cerimónias litúrgicas. Alguns, com a esperança de poder mudar o pensamento corrupto da Igreja em geral e, conseqüentemente, modificar a sua atitude, aderiram ao Presbiterianismo (1648). Outros, ao invés, acabaram por aceitar os dogmas da Igreja Anglicana, impondo contudo algumas modificações, como no caso do *Book of Common Prayers* (Livro Oficial de Orações da Igreja Anglicana).

Depois da Guerra Civil Inglesa (1642-1648) — também chamada de Revolução Puritana —, sobretudo com a restauração da Igreja Anglicana (1660-1662), muitos Puritanos foram conseqüentemente expulsos da Igreja. Principiou assim uma triste era de perseguições, durante quase trinta anos (1660-1689), quando foi finalmente ratificada a Lei de Tolerância (1689). Porém, já durante a primeira década do século XVII — por exemplo, em 1604 a *Hampton Court Conference* rejeitou todos os pedidos de reforma — alguns Puritanos preferiram o exílio a aceitar um compromisso com a Igreja Anglicana. O desterro escolhido foi a Holanda. Três lustros mais tarde, em 1619, com a esperança de poder em reconstruir uma vida baseada nas Sagradas Escrituras, na família e na total ausência de qualquer hierarquia religioso-social, trinta e cinco Puritanos, eufemisticamente alcunhados de Pais Peregrinos, acompanhados por cento e dois emigrantes ingleses, partiram de Flandres para o Novo Mundo, sucessivamente formando a *Plymouth Colony*.

Os futuros estados do Connecticut e Massachusetts serão portanto os primeiros representantes do Congregacionalismo. Dado que a maioria dos colonos era de origem inglesa, estas duas colónias conseguiram alcançar uma homogeneidade religiosa quase perfeita, sobretudo se as compararmos com as restantes onze colónias britânicas da vertente atlântica. Até às primeiras décadas do século XIX as igrejas congregacionalistas do Connecticut e Massachusetts recebiam constante aprovação e suporte incondicionado em quase todos os assuntos, do religioso ao secular.

Contudo, esta homogeneidade étnico-religiosa não foi conquistada sem lutas e divisões internas. Obviamente a única solução foi aquela de extirpar o mal pela raiz, ou seja, os “dissidentes” religiosos ou eram expulsos ou, de própria vontade, deixam estes territórios à procura de outras terras mais tolerantes e promissoras, situação essa muito comum em todo o território dos futuros Estados Unidos da América.

Por exemplo, o estado do Rhode Island, mais precisamente, Rhode Island and Providence Plantations, foi fundado em 1636 por Roger Williams, que na sua visão clarividente, quis estabelecer um abrigo para todos os dissidentes, dos Quacres aos Judeus.

Obviamente o Protestantismo encontra as suas raízes histórico-religiosas na Reforma. O termo — inventado em 1529 — deriva do protesto dos príncipes alemães contra o Cristianismo provindo de Roma, aquele que será depois denominado Catolicismo Romano. Comumente os Protestantes encontravam-se unidos na sua ênfase sobre a autoridade absoluta da Bíblia e o poder absoluto da Salvação, esta última só obtida/ / possível através da Fé. O Papa, portanto, não possuía qualquer poder e, conseqüentemente, autoridade sobre a Palavra de Deus, e muito menos sobre a alma dos homens, esta última livre de agir perante o Salvador, seu exclusivo Juiz. O único intermediário entre o homem/a alma e Deus é Jesus, através do seu Espírito e das Sagradas Escrituras, devendo estas últimas ser lidas, percebidas e, conseqüentemente, estudadas por todos os fiéis na língua vernácula de cada país ou zona político-geográfica da Europa de então.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

Numerosas foram as confissões protestantes que surgiram ao longo dos anos e séculos. Entre as primeiras encontramos o Luteranismo e o Calvinismo. O Anglicanismo, ao invés, deveria ser visto como a linha de divisão entre o Catolicismo e o Protestantismo, tendo em si valores quer protestantes quer católicos, estes últimos, contudo, obviamente já imbuídos de elementos reformistas e, portanto, aos olhos de Roma, não puramente canónicos.

Quanto à estrutura e organização religiosas, o Protestantismo caracteriza-se como uma crença cristã com menos sacramentos e, conseqüentemente, com poucas cerimónias religiosas sujeitas ao poder absoluto de um homem, seja este o padre de uma aldeia ou até o Sumo Pontífice. O sector secular, portanto, começou a ter um grande papel nas funções religiosas protestantes, onde laicos e pastores acabaram por substituir as suas congéneres católicas, sobretudo o clero hierárquico e o sacerdócio “de carreira”.

A partir das últimas três décadas do século XX o Protestantismo estado-unidense tem vindo a mostrar uma sempre crescente tendência para o aspecto secular da vida religiosa. Esta situação originou óbvias reacções internas, do extremo Liberalismo teológico ao Ultraconservadorismo, melhor conhecido pela alcunha de Fundamentalismo. Entre as confissões centro-moderadas encontram-se o Presbiterianismo e o Metodismo e, se bem que em medida menor, o Congregacionalismo.

Entre as denominações mais conservadoras lembremos os Baptistas, os Revivalistas (*Revivalists*) e o Evangelho Social Americano (*American Social Gospel*). Em princípio um revivalista (*revivalist*) é um pregador-evangelizador que tenta promover ou *redespertar* o sentimento religioso infelizmente sufocado pelos pecados humanos, entenda-se, o conjunto de tentações provenientes (ou fruto) da sociedade moderna.

Nos Estados Unidos da América, o Catolicismo — devido à sua própria natureza monolítica e não fragmentada, como no caso das demais denominações de culto protestante — é o ramo cristão do Cristianismo com o maior número de seguidores, sendo que pouco mais de um quarto da população autodefine-se como católico. Contudo, só pouco mais de cinquenta e oito milhões de estado-unidenses fazem parte de pouco mais de vinte mil igrejas paroquiais. Quanto à Fé e ao Dogma, o Catolicismo estado-unidense sempre dependeu de Roma.

De facto, até 1908, os Estados Unidos da América eram considerados missão apostólica. Depois de um período de transição (1908-1962), o Catolicismo estado-unidense ressurgiu com uma autonomia ímpar, sobretudo graças ao Concílio Vaticano II (1962-1965)⁹ e, mormente, às sempre crescentes exigências do momento: de um lado os ideais de liberdade dos anos sessenta do século XX — aliás comuns a todos os países ocidentais — e do outro, o desejo de experimentar novos rumos que pudessem responder melhor à situação do *homo religiosus americanus*.

Homens e mulheres de muitas ordens religiosas começaram assim a participar activamente no ensino — quer primário quer secundário —, instituindo escolas paroquiais as quais, devido ao seu sólido conteúdo educativo-moral, ofereciam uma “feliz

⁹ Celebrado entre 1962-1965, o vigésimo primeiro concílio ecuménico da Igreja Católica foi anunciado pelo papa João XXIII (1958-1963) em 1959 e continuado pelo Papa Paulo VI (1963-1978). Um dos seus principais alvos foi a revitalização da liturgia, sobretudo com o regresso à língua vernácula do sítio, em vez do Latim, língua oficial da Igreja. Entre os outros temas deliberados lembremos a liberdade religiosa, a reestruturação radical das demais ordens religiosas e, conseqüentemente, a descentralização administrativa, *urbi et orbi*. Para mais informações, veja-se, entre outros: W.M. Abbott, ed. *The Documents of Vatican II in a New and Definitive Translation*. 1966. Nova Iorque: Association P, 1974.

alternativa” às decadentes escolas públicas, de óbvio cunho protestante¹⁰. Tal situação traduziu-se no reforço do Catolicismo nos Estados Unidos, sobretudo quanto ao dogma e prestígio religioso-social. Além disso, a partir dos anos cinquenta do século XX, o cada vez mais maciço advento de emigrantes de adesão católica — como no caso da América Latina de língua e cultura espanholas — reforçou o poder do Catolicismo norte-americano, abrindo, porém, ao mesmo tempo, as portas para divisões internas, sobretudo devido a diferenças raciais/étnico-culturais, aliás muito marcadas em alguns casos. Todavia, apesar destas diferenças, o Catolicismo mantém a liderança como religião unida e, portanto, maioritária dos Estados Unidos da América.

Devido ao exíguo número de emigrantes cristãos ortodoxos provindos da Europa do Leste, da Grécia, Síria, Etiópia, Eritreia, do Egipto e Líbano, os Ortodoxos formam o ramo mais pequeno do cristianismo estado-unidense. A grande maioria dos Ortodoxos é constituída por emigrantes gregos e seus descendentes, pouco mais de dois milhões de crentes, seguidos por aqueles de origem eslava, sobretudo russa, romena/moldava e sérvia. Quanto aos ortodoxos etíopes, eritreus, egípcios, arménios, sírios e libaneses, mesmo se não insignificante, o seu número continua a ser relativamente baixo, não deixando, infelizmente, marcas definitivas no seio da Ortodoxia estado-unidense, aliás, como qualquer outra confissão religiosa do Novo Mundo, dividida racial, étnica e linguisticamente segundo parâmetros de nacionalidades e cor.

No seu conjunto, ao invés, as numerosas confissões protestantes formam a religião maioritária não monolítica nos Estados Unidos da América, contando com pouco mais de sessenta por cento de seguidores. No total, existem quase duzentas denominações protestantes, espalhadas pelos Estados Unidos da América assim como pelo vizinho Canadá, a maioria das quais pode ser facilmente reunida em famílias ou também grupos e subgrupos religiosos¹¹.

Os Episcopais, os Presbiterianos e a Igreja Unida de Cristo (*United Church of Christ*) — ou seja, as denominações dominantes durante o Período Colonial — contam hoje com pouco mais de nove milhões de adeptos, sem contar aqueles que, por uma razão ou outra, oscilam entre cada uma destas e outras tantas denominações protestantes, sempre à procura de uma “resposta” às várias exigências do momento.

Os Episcopais pertencem ao subgrupo anglicano comumente denominado Comunhão Anglicana (*Anglican Communion*). Originalmente a maioria na Virgínia, na Carolina do Norte e na Carolina do Sul, com o fim do Período Colonial os Episcopais começaram a deslocar-se para o resto do território norte-americano, migração que leva a que nenhum estado dos futuros Estados Unidos da América possa ser considerado como o baluarte do Episcopalismo no Novo Mundo de língua e cultura inglesas.

Contudo, apesar desta dispersão territorial, os Episcopais exercem muita influência, sobretudo a nível secular, nas demais camadas religioso-sociais do País. Em 1957 a Igreja Cristã Congregacional (*Congregational Christian Church*) uniu-se à Igreja Evangélica (*Evangelical Church*) e à Igreja Reformista (*Reformed Church*), para assim formar em a Igreja Unida de Cristo (*United Church of Christ*). Tal fusão foi considerada por

¹⁰Essas ordens religiosas também estabeleceram — em alguns casos até reforçaram — a sua presença numa rede de prestigiosas universidades, da vertente atlântica aos estados da costa do Pacífico, passando pelos estados das planícies e pelo Texas, servindo-se de professores leigos assim como religiosos, protestantes e/ou católicos. Por outras palavras, o ensino católico mostrava-se universal e, conseqüentemente, ecuménico por excelência.

¹¹Para mais informações, veja-se: C.H. Jacquet Jr., ed. *Yearbook of American and Canadian Churches: 1990*. Nashville: Abingdon, 1990.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

muitos, e com razão, a mais importante união do século, sobretudo se considerarmos que se juntaram facções religiosas entre si muito divergentes, umas porta-vozes dos originários valores puritanos da Nova Inglaterra — como no caso da Igreja Cristã Congregacional (*Congregational Christian Church*) —, outras defensoras das sucessivas ondas migratórias, sobretudo de língua e cultura alemãs e escandinavas, nomeadamente, os Evangélicos e os Reformistas.

Os Presbiterianos sofreram uma letal divisão interna após inúmeras disputas e irreconciliáveis diferenças entre os Fundamentalistas e a Igreja Presbiteriana na América (*Presbyterian Church in America*), formada em 1973 para contrabalançar ideais radicais em ambos os principais ramos do Presbiterianismo. Contudo, em 1983, muitos Presbiterianos uniram-se para depois formar a Igreja Presbiteriana, EUA (*Presbyterian Church, USA*). Assim como as primeiras denominações protestantes em solo norte-americano, também o Presbiterianismo conta com uma antiga presença no Novo Mundo, cujos antepassados, além de serem anglo-saxões, também se orgulham de ter origens irlandesas assim como escocesas, nestes últimos dois casos sobretudo a partir do século XVIII.

Antes da Guerra Civil os Presbiterianos encontravam-se divididos em dois subgrupos, a reflectir a situação político-social do momento, nomeadamente, o Norte anti-esclavagista e o Sul esclavagista¹². Desde o fim da Guerra Civil (1865) os dois ramos do Presbiterianismo estado-unidense tentam reconciliar as suas diferenças e divergências ético-religiosas para assim formar um único corpo, o qual, devido a estas diferenças históricas, conta com um grande número de tendências, em si antagónicas, do liberal ao conservador, passando pelo moderado.

Os Metodistas, ramo destacado do Anglicanismo britânico, constitui a face do protestantismo moderado estado-unidense e, até meados do século XX, a Igreja Unida Metodista (*United Methodist Church*) era a maior denominação protestante de língua inglesa em solo norte-americano.

Os Luteranos, descendentes dos reformistas de língua e cultura alemãs e escandinavas, por muitas décadas divididos numa miríade de pequenas denominações, ultimamente têm manifestado três tendências: a) fusão no grupo moderado Igreja Evangélica Luterana na América (*Evangelical Lutheran Church in America*); b) divisão em dois subgrupos, nomeadamente, a Igreja Luterana — Sínodo do Misúri (*Lutheran Church-Missouri Synod*) e a Igreja Luterana — Sínodo do Wisconsin (*Lutheran Church-Wisconsin Synod*); c) divisão em inúmeros grupos, todos de matriz ultraconservadora, com raízes no Luteranismo do século XVI.

Entre as demais denominações protestantes moderadas vale a pena lembrar os Cristãos, ou seja, os Discípulos de Cristo (*Disciples of Christ*) — porta-vozes do primitivismo bíblico, sobretudo no ambiente natural do Oeste —, os Baptistas do Norte (*Northern Baptists*) e os Baptistas Reformistas (*Reformed Baptists*), esses últimos de ascendência holandesa.

A Igreja Unida Metodista (*United Methodist Church*) é a denominação protestante com mais adeptos, sobretudo nos estados do Sul dos Estados Unidos. Com presenças em todos os estados da União e nos demais territórios sob controlo estado-unidense

¹²Com o termo antebélico designamos o período histórico da jovem república norte-americana antes da Guerra Civil (1861-1865), nomeadamente, antes do conflito entre onze estados sulistas, também conhecidos como os Estados Confederados da América, e o Governo Federal dos Estados Unidos. Dado que estes onze estados tentaram separar-se da União, no Norte o combate foi também denominado de «Guerra da Rebelião». No Sul, ao invés, devido ao facto de se tratar de uma batalha regional, este período é também conhecido como a «Guerra entre os Estados».

(de Porto Rico, das Ilhas Virgens e das Ilhas Midway à Samoa Americana, às Ilhas da Mariana do Norte e Guam), a Igreja Unida Metodista continua nos seus esforços de evangelizar e assim dominar a opinião pública norte-americana. Contudo, há pequenos enclaves *wesleyanos*, herdeiros das inúmeras reformas protestantes proporcionadas por John Wesley (1705-1791), os quais, em alguns casos têm engendrado grupos como a Igreja do Nazareno (*Church of the Nazarene*) e outras denominações afins.

O ramo Pentecostal, por seu lado, viu o seu esplendor e apogeu na formação de novas denominações, entre as quais ressaltam as Assembleias de Deus (*Assemblies of God*), nascidas nas primeiras décadas do século XX após os desgostos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), embora já existissem formas embrionárias durante o *fin de siècle*, como, por exemplo, os Adventistas.

A Igreja de Cristo (*Church of Christ*), ao invés, é uma agremiação de ideais muito conservadores, a qual, por autodefinição, não é composta por parâmetros que possam obedecer a qualquer denominação cristã. A esta contrapõe-se a Associação Unitária/Universalista (*Unitarian-Universalist Association*), a qual, devido aos seus ideais muito liberais, amiúde recusa a classificação de “denominação cristã” em prol da mais abrangente nomenclatura: Associação (*Association*). Contudo, este grupo é a “denominação” protestante que mais se adapta, aliás, que continua a se adaptar, às frequentes mudanças e novas exigências da sociedade norte-americana.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias *Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, nomeadamente, o Mormonismo, é em si um movimento milenarista cristão do século XIX a responder às exigências do momento. O seu fundador, Joseph Smith (1805-1844), decretou ter traduzido o *Livro de Mórmon*, um texto divino revelado através de um anjo, que não pretende suplantar a Bíblia, mas antes, ampliá-la e, consequentemente, completar a sua missão. O seu sucessor, Brigham Young (1805-1877), levou a recém-nascida denominação religiosa ao seu derradeiro destino: Salt Lake City (1847), no futuro estado do Utah. Actos de violência e o facto de os Mórmones praticarem a poligamia, sucessivamente abandonada (1890), fizeram com que o Governo federal estado-unidense olhasse com suspeita tal “seita” religiosa, às vezes tomando medidas drásticas, como perseguições e incursões militares. Dogmaticamente, esta situação também levou a divisões internas, nascendo, assim, em 1852, a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, *Reorganized Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*.

Em linhas gerais, o Mormonismo, forma milenarista americana do século XIX, baseia-se no ensino de Jesus aos primeiros imigrantes (os futuros Ameríndios) que chegaram ao Novo Mundo, lugar esse onde Ele fundará uma nova Jerusalém. A igreja mórmon é em si hierarquicamente muito estratificada. O baptismo e o casamento, por exemplo, podem ser concedidos também após a morte, para assim sigilar os defuntos na verdadeira Fé. Todos os mórmones evitam estimulantes — por exemplo, cafeína, tabaco e drogas — e dedicam dois anos da própria vida ao voluntariado, a maioria das vezes efectuado fora do próprio País, em missão evangelizadora no estrangeiro.

Em 2006, segundo as informações publicadas pela CIA e baseadas no censo de 2000, os estado-unidenses eram assim repartidos quanto à sua adesão religiosa: Protestantes 52%, Mórmones 2%, Católicos 24%, Judeus 2%, Muçulmanos 1%, Outros 10%, Nenhuma 10%¹³.

¹³ «United States» CIA - *The World Factbook* 2002. <<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/print/us.html>>. 1-12. 4. [última actualização: 19 de Março de 2003]; *The World Factbook*. «United States». [última actualização: 29 de Junho de 2006].

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

***P**incipais denominações religiosas*

Adventistas (*Adventists*)
 Aliança Missionária (*Missionary Alliance*)
 Amish
 Anglicanos (*Anglicans*)
 Assembleias de Deus (*Assemblies of God*)
 Baptistas Americanos (*American Baptists*)
 Baptistas Independentes (*Baptists-Independent*)
 Baptistas Reformistas (*Reformed Baptists*)
 Baptistas Setentrionais (*Northern Baptists*)
 Budismo (*Buddhism*)
 Calvinistas (*Calvinists*)
 Carismáticos (*Charismatic Movement*) [Catolicismo]
 Ciência Cristã (*Christian Science*)
 Confucionismo (*Confucianism*)
 Congregacionalistas (*Congregationalists*)
 Cristãos Adventistas (*Advent Christians*)
 Cristãos (Discípulos de Cristo) (*Christians [Disciples of Christ]*)
 Episcopais (*Episcopalians*) [membros da Comunhão Anglicana (*Anglican Communion*)]
 Episcopais Africano-Methodistas (*African Methodist Episcopalians*)
 Espiritualistas (*Spiritualists*)
 Evangélicos (*Evangelicals*)
 Evangélicos Livres (*Free Evangelicals*)
 Exército da Salvação (*Salvation Army*)
 Fundamentalistas (*Fundamentalists*)
 Hinduístas (*Hinduism*)
 Huguenotes (*Huguenots*)
 Igreja Apostólica (*Apostolic Church*)
 Igreja Católica Romana (*Roman Catholic Church*)
 Igreja Cristã Congregacional (*Congregational Christian*) + Igreja Evangélica (*Evangelical Church*) Igreja Unida de Cristo (*United Church of Christ*) [1957]
 Igreja de Cristo (*Church of Christ*)
 Igreja de Deus (*Church of God*)
 Igreja Evangélica na América (*Evangelical Church in America*)
 Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Último Dia (*Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints*)
 Igreja Luterana - Sínodo do Missúri (*Lutheran Church-Missouri Synod*)
 Igreja Metodista Unida (*United Methodist Church*)
 Igreja do Nazareno (*Church of the Nazarene*)
 Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos do Último Dia (*Reorganized Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints*)
 Igreja Unida de Cristo (*United Church of Christ*)
 Interdenominacional (*Interdenominational*)
 Jainismo (*Jainism*)

Judeus Conservadores (*Conservative Jews*)
 Judeus Hassídicos (*Hasidic Jews*)
 Judeus Ortodoxos (*Orthodox Jews*)
 Judeus Recontrucionistas (*Reconstructionalist Jews*)
 Judeus Reformistas (*Reformed Jews*)
 Luteranos (*Lutherans*)
 Menonistas (*Mennonites*)
 Metodistas (*Methodists*)
 Metodistas Episcopais Africanos (*African Methodist Episcopalians*)
 Metodistas Livres (*Free Methodists*)
 Metodistas Unidos (*United Methodists*)
 Muçulmanos Sunitas (*Sunni Muslims*)
 Muçulmanos Xiitas (*Shia'a Muslims*)
 Pentecostais (*Pentecostals*)
 Pentecostais Unidos (*United Pentecostals*)
 Presbiterianismo (*Presbyterians*) + Fundamentalismo (*Fundamentalism*) Igreja Presbiteriana (*Presbyterian Church*) [1983]
 Quacres: Sociedade Religiosa de Amigos (*Quakers: Religious Society of Friends*)
 Sikhismo (*Sikhism*)
 Sínodo Evangélico Luterano do Wisconsin (*Evangelical Lutheran Synod of Wisconsin*)
 Sionistas (*Zionists*)
 Taoísmo (*Taoism*)
 Testemunhas de Jeová (*Jehovah Witnesses*)
 Universalistas-Unitários (*Unitarian-Universalist*)
 Xintoísmo (*Shintoism*)

Bibliografia

- ABBOTT, W.M., ed. *The Documents of Vatican II in a New and Definitive Translation*. 1966. Nova Iorque: Association Press, 1974.
- ADLER, M. *Drawing Down the Moon. Witches, Druids, Goddess-Worshippers, and Other Pagans in America Today*. 2.^a ed. Boston: Beacon Press, 1986.
- AFONSKY, Gregory. *A History of the Orthodox Church in Alaska (1794-1917)*. Kodiak, AK: Saint Herman's Theological Seminary, 1977.
- AHLSTROM, Sidney. *A Religious History of the American People*. 1972. 2 vols. Garden City, NY: Doubleday, 1975.
- ALBANESE, Catherine L. *America: Religions and Religion*. 2.^a ed. Belmont, CA: Wadsworth, 1992.
- ALLEN, James B. e Glen M. LEONARD. *The Story of the Latter-day Saints*. Salt Lake City: Historical Department of the Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints, Desert Book, 1976.
- American Jewish Yearbook*. 100 vols. Nova Iorque: American Jewish Committee, 2000.
- ANDREWS, E.D. *The People Called Shakers*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1953.
- ARRINGTON, Leonard T. *Brigham Young, American Moses*. Nova Iorque: Knopf/Random House, 1985.
- _____. *The Mormon Experience*. Londres: Allen & Unwin, 1979.
- BACKMAN, Milton V. *Joseph Smith and the Doctrine and the Covenants*. Salt Lake City: Desert Book, 1992.
- BACON, R.H. *The Quiet Rebels: The Story of the Quakers in America*. Nova Iorque: Basic Books, 1969.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

- BALMER, Randall Herbert. *Religion in Twentieth Century America*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001.
- BARKER, E. *The Making of a Moonie: Brainwashing or Choice?* Oxford: Blackwell; reimpr. Aldershot: Gregg Revivals, 1993.
- BARRETT, David. *World Christian Encyclopedia*. Oxford: OUP, 2001.
- BECKFORD, J.A. *The Trumpet of Prophecy: A Sociological Study of Jehovah's Witnesses*. Oxford: Blackwell, 1975.
- BERGENDOFF, C. *The Church of the Lutheran Reformation: A Historical Survey of Lutheranism*. St. Louis: Concordia, 1967.
- BIBBY, Reginald W. *Fragmented Gods: The Poverty and Potential of Religion in Canada*. Toronto: Irwin, 1987.
- BILLINGTON, Ray Allen e Martin RIDGE. *Westward Expansion: A History of the American Frontier*. Nova Iorque: Mcmillan, 1982.
- BLAU, Joseph. *Judaism in America: From Curiosity to Third Faith*. Chicago: University of Chicago Press, 1976.
- BOFF, L. e C. Boff. *Introducing Liberation Theology*. Londres: Burns & Oates, 1987.
- BOUWSMA, W.J. *John Calvin: A Sixteenth Century Portrait*. 1988. Nova Iorque: Oxford University Press, 1989.
- BOWDEN, H.W. *American Indians and Christian Missions: Studies in Cultural Conflict*. 1981. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
- BRADEN, C.S. *These Also Believe: A Study of Modern American Cults and Minority Religious Movements*. 1949. Nova Iorque: Macmillan, 1957.
- BRADLEY, Martin B., ed. *Churches and Church Membership in the United States, 1990*. Atlanta: Glenmary Research Center, 1992.
- BRAITHWAITE, W.C. *The Beginnings of Quakerism*. 1912. Ed. H.J. Cadbury. Cambridge: CUP, 1955.
- _____. *The Second Period of Quakerism*. 1919. Ed. H.J. Cadbury. Cambridge: CUP, 1961.
- BRODIE, F. M. *No Man Knows My History: The Life of Joseph Smith, the Mormon Prophet*. 2.^a ed. Nova Iorque: Knopf, 1971.
- BROWN, S. Kent, Donald Q. Cannon e Richard H. Jackson, eds. *Historical Atlas of Mormonism*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1994.
- BUCKE, E.S., ed. *The History of American Methodism*. 3 vols. Nashville: Abingdon, 1964.
- Bureau of Research and Survey of the National Council of Churches of Christ in the U.S.A.* 1956.
- BUSHMAN, Richard L. *Joseph Smith and the Beginnings of Mormonism*. Urbana: U of Illinois P, 1984.
- BUTLER, Jon. *Becoming America. The Revolution before 1776*. Cambridge: Harvard UP, 2000.
- _____. *Religion in Colonial America*. Nova Iorque: OUP, 2000.
- _____. *Awash in a Sea of Faith: Christianizing the American People*. Cambridge: Harvard UP, 1990.
- _____. *The Huguenots in America. A Refugee People in New World Society*. Cambridge: Harvard UP, 1983.
- BUTLER, Jon e Harry S. Stout, eds. *Jews in America*. Nova Iorque: OUP, 1999.
- _____, eds. *Religions in American History: A Reader*. 1997. Nova Iorque: OUP, 1998.
- _____, Grant WACKER e Randall BALMER. *Religion in American Life: A Short History*. 2000-2001. Oxford: OUP, 2003.
- CARROLL, Jackson W., Douglas W. JOHNSON e Martin E. MARTY. *Religion in America: 1950 to the Present*. San Francisco: Harper & Row, 1979.
- Churches and Church Membership in the United States, 1990*. Mars Hill, NC: Glenmary Research Center, 1990.
- COLLINS, Michael e Matthew A. Price. *História do Cristianismo. 2000 anos de Fé*. 1999. Lisboa: Civilização Editora, 2000.
- COOK, Lyndon W. *The Revelations of the Prophet Joseph Smith*. Salt Lake City: Desert Book, 1981.
- COREY, George S., ed. *The First One Hundred Years: A Centennial Anthology Celebrating Antiochian Orthodoxy in America*. Englewood, NJ: Antakya P, 1995.

- CORRILL, John. *A Brief History of the Church of Christ of Latter Day Saints*. Saint Louis: John Cor-
rill, 1839.
- COWAN, Richard O. *The Church in the Twentieth Century*. Salt Lake City: Bookcraft, 1985.
- DE BOW, James D.B. *The Seventh Census of the United States: 1850*. Washington: Washington, DC:
R. Armstrong, 1853.
- DESROSIERS, Yvon, ed. *Religion et Culture au Québec*. Montreal: Fides, 1986.
- DOLAN, J.P. *The American Catholic Experience*. Garden City, NY: Doubleday, 1985.
- DUCLOS, Rieul-P. *Histoire du Protestantisme français au Canada et aux Etats-Unis*. 2 vols. Lausana:
G. Bridel, 1913.
- EFTHIMIOU, Miltiades B. e George A. Christopolous, eds. *History of the Greek Orthodox Church in
America*. Nova Iorque: Greek Orthodox Archdiocese of North and South America, 1984.
- EISEN, Arnold M. *The Chosen People in America: A Study in Jewish Religious Ideology*. Blooming-
ton: University of Indiana Press, 1995.
- The Eleventh Census of the United States: 1890*. Washington, 1893.
- ELLWOOD, Robert S. e H.B. PARTIN. *Religious and Spiritual Groups in Modern America*. 2.^a ed. En-
glewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1988.
- ERICKSON, John H. *Orthodox Christians in America*. Nova Iorque: OUP, 1999.
- FITZ GERALD, Thomas E. *The Orthodox Church*. Westport, CT: Greenwood, 1995.
- GALANTER, M. *Cults: Faiths, Healing, and Coercion*. Nova Iorque: OUP, 1989.
- GARRETT, Paul D. *St. Innocent, Apostle to America*. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary P,
1979.
- GARVEY, John "Religion: Eastern Orthodoxy." *Atlantic Monthly* 5 (1989): 30-37.
- GAUSTAD, Edwin Scott. *Church and State in America*. Nova Iorque: OUP, 1999.
- GAUSTAD, Edwin Scott e Philip L. BARLOW. *New Historical Atlas of Religion in America*. Oxford:
OUP, 2001.
- _____. *Historical Atlas of Religion in America*. 1962. Nova Iorque: Harper & Row, 1976.
- GLAZER, Nathan. *American Judaism*. Chicago: U of Chicago P, 1972.
- GRANT, John Webster. *The Church in the Canadian Era*. Burlington, Ont.: Welch, 1988.
- GUROCK, Jeffrey. *American Jewish Orthodoxy in Historical Perspective*. Hoboken, N.J.: KTAV, 1996.
- HALVORSON, Peter L. e William M. NEWMAN. *Atlas of Religious Change in America, 1952-1990*. At-
lanta: Glenmary Research Center, 1994.
- HANDLIN, Oscar. *Adventure in Freedom: Three Hundred Years of Jewish Life in America*. Nova Iorque:
McGraw-Hill, 1954.
- HANDY, Robert T. *A History of the Churches in the United States and Canada*. Oxford: OUP, 1977.
- HASTINGS, Hugh, ed. *Ecclesiastical Records, State of New York*. 7 vols. Albany, N.Y.: J.B. Lyon, 1901-
1916.
- HEILMAN, Samuel C. *Portrait of American Jews in the Last Half of the 20th Century*. Seattle: U of
Washington, 1995.
- HELMREICH, William B. *The World of the Yeshiva: An Intimate Portrait of Orthodox Jewry*. Nova
Iorque: Free P, 1982.
- HENNESEY, J. *American Catholics: A History of the Roman Catholic Community in the United States*.
1981. Nova Iorque: OUP, 1983.
- HERBERG, Will. *Protestant-Catholic-Jewish: An Essay in America Religious Sociology*. Garden City,
NY: Anchor Books, 1960.
- HILL, S.S. e D.E. OWEN. *The New Religious Political Right in America*. Nashville: Abingdon, 1982.
- HINNELLS, John R., ed. *Penguin Dictionary of Religions*. 1984. Londres: Penguin, 1997.
- HUSAIN, Shahrukh. *Divindades femininas*. 1997. Colônia: TASCHEN GmbH, 2001.
- HUTCHISON, W.R. *Errand to the World: American Protestant Thought and Foreign Missions*. Chicago:
U of Chicago P, 1987.
- HUTSON, James H., ed. *Religion and the New Republic. Faith in the Founding of America*. Lanham:
Rowman and Littlefield Publishers, 2000.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

- JACQUET, C.H., Jr., ed. *Yearbook of American and Canadian Churches: 1990*. Nashville: Abingdon, 1990.
- JICK, Leon A. *The Americanization of the Synagogue, 1820-1870*. Hanover, N.H.: UP of New England, 1976.
- KAPLAN, Mordecai. *The Future of an American Jew*. Nova Iorque: McMillan, 1949.
- KARP, Abraham J. *Haven and Home: A History of the Jews in America*. Nova Iorque: Schocken Books, 1985.
- KOHUT, Andrew e Melissa Rogers. "Americans Struggle with Religion's Role at Home and Abroad." *Pew Research Center for the People & the Press*. 20 de Maio de 2002.
- KOSMIN, Barry A. e Seymour P. LACHMAN, eds. *National Survey of Religious Identification: 1989-90. (Selected Tabulations)*. Nova Iorque: City University of New York, 1990.
- _____. *One Nation Under God: Religion in Contemporary American Society*. Nova Iorque: Harmony Books, 1993.
- _____. *American Religious Identity Survey*. Nova Iorque: City University of New York, 2001. <http://www.gc.cuny.edu/studies/aris_index.htm>
- KUROPAS, Myron B. *The Ukrainian Americans: Roots and Aspirations. 1884-1954*. Toronto: University of Toronto Press, 1991.
- "Largest Religious Groups in the United States of America." <http://www.adherents.com/rele_USA.html> 1-24. [1999. © 2002. última actualização: 6 de Janeiro de 2003]
- LEVI, Joseph Abraham. «Sephardic Jews of the Diaspora: 1500-1600. Italy and Beyond: One Hundred Years of Wanderings». *Mentalities/Mentalités* 19.2 (2005): 33-54.
- _____. "Judaísmo e Cinema: Imagem e Mensagem em conflito", in *A Sétima Arte no Sétimo Céu*. Lisboa: Firmamento, 2005. 26-29.
- _____. *The Bible: A Basic Reference. Part 1: Genesis through Malachi*, ed. Quick Study University Course Outlines. Boca Raton, FL: BarCharts, 2004.
- _____. "Identidades Judaicas em Terras Alheias: o caso do Brasil". *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, Edições Lusófonas, Lisboa, Portugal, 5/6 (2004): 217-230.
- _____. "Mateus 14: 13-21 – Alimentar e saciar a alma", in *Os Evangelhos 2005 Comentados*. Eds. José Carlos Calazans, José Sousa Machado e Paulo Jorge Soares Mendes Pinto. Lisboa: Edições Firmamento, 2004. 164-166.
- _____. "Presença em solo norte-americano", in *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 anos*. Eds. Hermínio Rico, S.J. e José Eduardo Franco. Lisboa: Gradiva, 2003. 50-52.
- _____. "Preface", in *Quixotic Madness and Marranism: A Study of Charlotte Lennox and Arabella, the Female Quixote*. Norman Simms. Nova Iorque: Edwin Mellen Press, 2004. v-xi.
- _____. "Preface", in *A New Midrashic Reading of Geoffrey Chaucer. His Life and Works*. Norman Simms. Nova Iorque: Edwin Mellen Press, 2004. i-x.
- _____. "Da Igualdade à Paridade: Os Estudos sobre as Mulheres nos Estados Unidos", in *Falar de Mulheres. Da Igualdade à Paridade*. Ed. Zília Osório de Castro. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 85-98.
- _____. "As Comunidades Sefarditas na América Francesa durante os séculos XVI-XVIII". *Mentalities/Mentalités* 18.1 (2003): 60-71.
- _____. "A mulher sefardita das diásporas ibéricas: ponte entre culturas". *Faces de Eva* 9 (2003): 35-58.
- _____. ed. *Survival and Adaptation. The Portuguese Jewish Diaspora in Europe, Africa, and the New World*. Nova Iorque: Sepher-Hermon P, 2002.
- _____. "A Diáspora Sefardita nas Américas durante os séculos XVII-XVIII". *Cadernos de Estudos Sefarditas, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste», Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras* 1 (2002): 27-63; 133-158.
- LIEBMAN, Charles S. *Aspects of the Religious Behavior of American Jews*. 1975. Nova Iorque: Ktav, 1975.
- LIEBMAN, Seymour B. *New World Jewry, 1493-1825: Requiem for the Forgotten*. Nova Iorque: Ktav, 1982.

- LINCOLN, C.E. e L. MAMIYA. *The Black Church in the African-American Experience*. Durham, NC: Duke UP, 1990.
- LIPPY, C.H. e P.W. WILLIAMS, eds. *Encyclopedia of American Religious Experience: Studies of Traditions and Movements*. 3 vols. Nova Iorque: Schribner's, 1988.
- LUDLOW, Daniel H., ed. *Encyclopedia of Mormonism*. Nova Iorque: MacMillan, 1992.
- MAGOCSI, Paul Robert. *The Carpatho-Rusyn Americans*. Nova Iorque: Chelsea House, 1989.
- _____. *The Russian Americans*. Nova Iorque: Chelsea House, 1989.
- MARCUS, Jacob Radar. *Early American Jewry*. 2 vols. Filadélfia: Jewish Publication Society of America, 1951-1953.
- _____. *Memoirs of the American Jews. 1775-1865*. 3 vols. Filadélfia: Jewish Publication Society of America, 1955.
- _____. *American Jewry: Documents. Eighteenth Century*. Cincinnati: Hebrew Union College, 1959.
- _____, ed. *The Jew in the American World: A Source Book*. Detroit: Wayne State UP, 1996.
- MARSDEN, G.M. *Fundamentalism in American Culture: The Shaping of Twentieth-Century Evangelicalism, 1870-1925*. 1980. Nova Iorque: OUP, 1983.
- MATHEWS, Donald. *Religion in the Old South*. Chicago: U of Chicago P, 1977.
- MARTY, Martin. *Pilgrims in Their Own Land: 500 Years of Religion in America*. Nova Iorque: Penguin, 1985.
- MATHEWES-GREEN, Frederica. *Facing East: A Pilgrim's Journey into the Mysteries of Orthodoxy*. San Francisco: Harper Collins, 1997.
- MAY, Henry. *The Enlightenment in America*. Nova Iorque: OUP, 1976.
- McCONKIE, Bruce R. *Mormon Doctrine*. 1966. Salt Lake City: Bookcraft, 1979.
- McGRATH, Alister E. *Christianity. An Introduction*. 2.^a ed. Malden, MA: Blackwell, 2006.
- McLOUGHLIN, W.G. *Revivals, Awakenings, and Reform*. 1978. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- MEAD, Frank S. *Handbook of Denominations in the United States*. Ed. Samuel S. Hill. 9.^a ed. Nashville: Abingdon Press, 1990.
- MELTON, J.Gordon. *The Encyclopedia of American Religion*. 4.^a ed. 2 vols. Detroit: Gale Research, 1993.
- _____. *Encyclopedic Handbook of Cults in America*. Nova Iorque: Garland, 1992.
- _____. *Magic, Witchcraft, and Paganism in America*. 2.^a ed. Nova Iorque: Garland, 1991.
- MELTON, J.G., J. Clark e A.A. Kelly. *New Age Almanac*. Detroit: Visible Ink P, 1991.
- MEYER, Michael A. *Response to Modernity: A History of the Reform Movement in Judaism*. Nova Iorque: OUP, 1988.
- MOIR, John S. *The Church in the British Era: From the British Conquest to Confederation*. Toronto: McGraw-Hill Ryerson, 1972.
- MOORE, Deborah Dash. *To the Golden Cities: Pursuing the American Jewish Dream in Miami and L.A.* Nova Iorque: Free P, 1994.
- MOORE, R.Laurence. *Religious Outsiders and the Making of Americans*. 1986. Nova Iorque: Oxford UP, 1988.
- MULDER, John M. e John Frederick Wilson. *Religion in American History: Interpretative Essays*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1978.
- NEUSNER, Jacob. *American Judaism. Adventure in Modernity*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1972.
- _____. *Israel in America: A Too-Comfortable Exile?* Boston: Beacon P, 1985.
- New Catholic Encyclopedia*. 18 vols. San Francisco: McGraw-Hill, 1967.
- NOLL, M.A. *A History of Christianity in the United States and Canada*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.
- NUMBERS, R.L. e J.M. BUTLER. *The Disappointed: Millerism and Millenarianism in the Nineteenth Century*. Bloomington: Indiana UP, 1987.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

- OLEKSA, Michael. *Orthodox Alaska: A Theology of Mission*. Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary P, 1992.
- _____, ed. *Alaskan Missionary Spirituality*. Nova Iorque: Paulist P, 1987.
- PINTO, Paulo Mendes e Francisco Moura. *Itinerários de Fé. Locais sagrados das religiosidades*. Lisboa: Mediatexto, 2005.
- PORTER, Larry C. *A Study of the Origin of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints in the States of New York and Pennsylvania, 1816-1831*. Diss. Brigham Young U, 1971. Ann Arbor: UMI, 1971.
- RAPHAEL, Marc L. *Profiles in American Judaism*. San Francisco: Harper & Row, 1984.
- RAWLYK, George, ed. *The Canadian Protestant Experience, 1760 to 1990*. Burlington, Ont.: Welch, 1990.
- REID, Daniel G., ed. *Dictionary of Christianity in America*. Downers Grove, IL: Inter-Varsity, 1990.
- RISCHIN, Moses. *An Inventory of American Jewish History*. Cambridge: Harvard UP, 1954.
- ROBERTS, Brigham H. *A Comprehensive History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*. 3 vols. Salt Lake City: Desert News P, 1930.
- ROOF, W.C. e W. Mckinney. *American Mainline Religion: Its Changing Shape and Future*. New Brunswick: Rutgers, 1987.
- ROSENTHAL, Gilbert S. *Contemporary Judaism: Patterns of Survival*. 2.^a ed. Nova Iorque: Human Sciences, 1986.
- SALOUTOS, Theodore. *The Greeks in the United States*. Cambridge: Harvard UP, 1964.
- SCHAPPES, Morris U. *A Documentary History of the Jews in the United States, 1654-1875*. 3.^a ed. Nova Iorque: Citadel P, 1971.
- SELTZER, Robert M., ed. *The American Judaism of Mordecai M. Kaplan*. Nova Iorque: New York UP, 1990.
- SHIPPS, J. *Mormonism: The Story of a New Religious Tradition*. Urbana: Illinois UP, 1985.
- SKLARE, Marshall, ed. *The Jews: Social Patterns of an American Group*. Glencoe, IL: Free P, 1958.
- _____. *The Jewish Community in America*. Nova Iorque: Behrman House, 1974.
- SMITH, Barbara. *Orthodoxy and Native Americans: The Alaskan Mission*. Syosset, NY: Orthodox Church in America, Department of History and Archives, 1980.
- STOKOE, Mark e Leonid KISHKOVSKY. *Orthodox Christians in North America. 1794-1994*. Syosset, NY: Orthodox Christian Publication Center, 1995.
- SWEET, L.I., ed. *The Evangelical Tradition in America*. Macon, GA: Mercer, 1984.
- TARASAR, Constance J. e John H. ERICKSON, eds. *Orthodox America. 1794-1976: Development of the Orthodox Church in America*. Syosset, NY: Orthodox Church in America, Department of History and Archives, 1975.
- TEMKIN, Sefton D. *Isaac Mayer Wise. Shaping American Judaism*. Oxford: Littman Library, OUP, 1992.
- «United States» CIA – *The World Factbook 2002*, . 1-12. [última actualização: 19 de Março de 2003]
- WACKER, Grant. *Religion in Nineteenth Century America*. Nova Iorque: OUP, 2000.
- WALSH, H.H. *The Church in the French Era. From Colonization to the British Conquest*. Toronto: Ryerson P, 1966.
- WERTHEIMER, Jack, ed. *The American Synagogue: A Sanctuary Transformed*. Cambridge: CUP, 1987.
- WESTFALL, William. *Two Worlds: The Protestant Culture of Nineteenth-Century Ontario*. 1989. Montreal: McGill-Queen's UP, 1990.
- WILLIAMS, George H. *The Radical Reformation*. 3.^a ed. Kirksville, MO: Thomas Jefferson UP, 1992.
- WILLIAMS, George H. e Angel M. MERGAL, eds. *Spiritual and Anabaptist Writers*. Londres: SCM P, 1957.
- WHITE, R.C. e C.H. Hopkins. *The Social Gospel: Religion and Reform in Changing America*. Filadélfia: Temple, 1976.
- The World Factbook. «United States» [última actualização: 29 de Junho de 2006].

T E S T E M U N H O S

Entrevista a
*MANUEL NASCIMENTO SANÇA GOMES*¹

JOSEPH ABRAHAM LEVI – Descreva a sua denominação religiosa.

MANUEL NASCIMENTO SANÇA GOMES – A nossa religião é basicamente evangélica. Portanto, Igreja do Nazareno, uma facção de diversos grupos evangélicos. Entre estes grupos a Igreja do Nazareno também se insere na categoria de «Igrejas Evangélicas». Portanto, a Igreja Evangélica baseia-se exactamente no facto de nós essencialmente pregarmos o Evangelho. Existem várias derivantes dentro do capítulo «Igreja Evangélica», várias outras denominações, mas, certamente, nós estaremos a nos concentrar, exactamente, na Igreja do Nazareno, à qual eu pertença, da qual eu sou Pastor já há cerca de trinta anos.

JAL – A sua denominação religiosa faz parte de um grupo maior, ou seja, é um ramo de uma denominação ou confissão religiosa maior, nacional ou internacional?

MNSG – A Igreja do Nazareno deriva de uma Igreja de cariz internacional. Portanto, a sua sede é aqui nos Estados Unidos, em Kansas City, no estado do Missúri. Mas temos igrejas em várias partes do Mundo, não só em Cabo Verde, mas também no continente africano, na América Central, na América do Sul (sobretudo na Argentina e no Brasil). Portanto, a Igreja do Nazareno encontra-se espalhada por várias partes do globo. É uma Igreja essencialmente missionária, que tem o condão de enviar missionários para várias partes do Mundo. E eis a razão pela qual eu estou aqui, nos Estados Unidos, também. De Cabo Verde vim aos Estados Unidos nesta missão de fazer chegar o Evangelho até às nossas comunidades cabo-verdianas na Nova Inglaterra. É importante que digamos que o Evangelho foi daqui [os Estados Unidos] para lá, Cabo Verde, mas, numa determinada altura, o Evangelho teve como uma reviravolta, passou de ir para lá para aqui, nos Estados Unidos. Tem sido realmente um romance e um prazer servir este Povo, o Nosso Povo, não só os Cabo-verdianos mas também todos aqueles que têm o Português como língua oficial.

JAL – Então a sua Igreja abrange todas as etnias de língua e cultura portuguesas, incluindo o Crioulo?

MNSG – Sim. Absolutamente. Aqui, nesta área de Pawtucket [no estado de Rhode Island] onde estamos, a nossa Igreja é essencialmente cabo-verdiana e, portanto, as pessoas falam ou entendem o Português. A língua oficial que usamos na Igreja é a língua portuguesa, não só o Crioulo cabo-verdiano mas também usamos o Inglês porque temos jovens e adolescentes que nasceram aqui, que estão crescendo aqui. Eles fazem

¹Presbítero, *Igreja do Nazareno*, Pawtucket, Rhode Island.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

parte da Igreja. Portanto, temos algumas classes dominicais que só ensinam a Bíblia, a Doutrina, em Inglês, para também poderem abranger esta faixa etária, esta classe de jovens que estão a crescer aqui nesta cultura norte-americana.

JAL – O senhor nasceu na Fé ou converteu-se em uma idade mais avançada?

MNSG – Eu converti-me muito jovem. Venho de uma família católica, “tradicional”, mas, aos dezasseis anos, converti-me. Portanto, tive os meus primeiros contactos com pastores evangélicos, com a Igreja Evangélica e, por opção e convicção, passei a ser um cristão evangélico de origem tradicionalmente “cristã”. Mas quando cheguei à idade de dezasseis anos tomei a minha decisão e já lá vão estes anos todos. De dezasseis até agora já tenho uma caminhada de quarenta e tais anos de Fé como cristão, como evangélico.

JAL – Na sua opinião, é possível ser ao mesmo tempo não-católico, no seu caso nazareno, e lusófono?

MNSG – Absolutamente. Absolutamente. A nossa religião não nos inibe de sermos ou de continuarmos a ser patrióticos ou, se quiser, nacionalistas. Houve uma altura em que isto podia ser conflituoso, não é, era quase uma imposição, principalmente aqueles que eram funcionários do Estado. Por imposição, por exemplo, teriam de seguir a Religião do Estado, que era o Catolicismo. Mas isto foi no Tempo, e a História encarrega-se de apagar estas coisas para até, digamos, colocar determinadas coisas nos seus devidos lugares. E, portanto, eu não tive nenhum problema. Pese embora que, na altura em que me converti, ainda estávamos debaixo do Governo de Portugal, mas a Religião já não era nessa altura imposta. Havia assim liberdade de consciência para que cada um pudesse tomar a sua decisão e seguir o seu caminho. Eu acho, de facto, que a Religião ou qualquer outra coisa, qualquer opção de vida, não deveria ser imposta, nunca deveria ser imposta, deveria ser espontânea. Aliás, se nós virmos, nós humanos fomos criados com esta opção dentro de nós. Nós chamamos isto “Livre Arbítrio”: a vontade espontânea de escolher. Eu digo sempre isto, “nem Deus toca”, porque estaria a violar a Sua criação. Ele criou o Homem desta forma e, portanto, Ele não toca na vontade, no desejo volitivo da pessoa, na vontade de escolher da pessoa. Depois, cada um colhe os frutos advenientes da escolha que fez.

JAL – Conhece alguns lusófonos não-católicos que são de uma outra denominação religiosa além da sua?

MNSG – Sim, com certeza. Conheço vários irmãos, tenho vários amigos que pertencem a várias outras denominações religiosas, que não são Nazarenos mas que são, diríamos, de uma outra facção, do lado pentecostal. Alguns deles pertencem às Assembleias de Deus. Nós temos boas relações, graças a Deus, neste sentido, porque nunca se tenha a prosápia de achar que Cristãos somos nós e aqueles que não são como nós, não são Cristãos. De forma nenhuma. Nós temos de admitir e aceitar as diferenças. Neste caso nós não podemos impor a nossa ideia, os nossos princípios às outras pessoas. Alguém disse que a nossa liberdade vai até onde começa a liberdade dos outros. Eu tenho vários amigos e é interessante ver que quando eu vinha de visita aos Estados Unidos – vim várias vezes, vim cinco vezes pelo menos – e todas as vezes que eu vinha, eu tinha como objectivo visitar todas as Igrejas: havia igrejas baptistas, igre-

jas pentecostais, outras igrejas digamos congregacionais, e até havia uma igreja, em Fall River, Massachusetts, uma igreja luso-americana – cujo pastor era o Reverendo João Pereira – e se eu viesse de férias e não fosse até lá era como se fosse uma ofensa. Eu ia sempre visitá-los.

JAL – É difícil viver a sua Fé no meio de tantos lusófonos católicos?

MNSG – Não digo que seja fácil. Olhe, digo-lhe uma coisa. Eu quando fui colocado como pastor fui para uma das ilhas de Cabo Verde que tem como alcunha “Roma pequena”, “Roma em ponto pequeno”. A Brava é uma ilha pequena mas onde os padres Capuchinhos imperaram, tinham lá muita força. Não foi fácil. Mas houve realmente um movimento porque a Igreja tem de estar sempre em constante movimentação, em constante mutação, não fugindo da coluna dorsal do Padrão inicial, a Igreja, e portanto isto provocou no seio da juventude bravense um movimento incrível. Muitos que eram católicos passaram a assistir aos nossos cultos. Muitos deles converteram-se. Houve alguns conflitos. Mas logo as coisas serenaram. E nós vivemos em plena harmonia. Eles às vezes querem impor e acham que aqueles que não são deste lado não são nossos. Mas eu acho que, como disse supra, a História tem de ser encarregada de resolver estes problemas. Isto vem com o tempo. Foi um tempo de luta, mas também de possibilidades de vitória.

JAL – Na sua opinião, é mais fácil converter um brasileiro e/ou um lusófono – de origem africana ou asiática – a uma outra religião do que converter um português (do Continente assim como das Ilhas)? E se assim for, porquê?

MNSG – Tem-se provado que os Africanos são mais acessíveis ao Evangelho, são mais abertos do que um português continental. Mas, não obstante isto, a Igreja do Nazareno está implantada em Portugal: as Igrejas do Nazareno estão a fazer um bom trabalho lá. Mas o Português é difícil. É um bocado tradicionalista na sua forma de crer, na sua forma religiosa, sobretudo aqui na Nova Inglaterra. Mas eu conheço vários portugueses que são crentes. Até quando estava na Tropa, havia portugueses que vinham prestar o seu serviço militar em Cabo Verde na Marinha, no Exército, que eram jovens crentes e nós dávamo-nos bem. Mas não deixa de não ser impossível, mas é mais difícil. Os Brasileiros, ao invés, são mais abertos. É um povo semelhante ao Africano. Absolutamente. Absolutamente. É um povo semelhante.

JAL – Como vive a sua Fé nos Estados Unidos e como vivia a sua Fé no seu País de origem?

MNSG – Não há diferença. Para viver a Fé não há diferença de fronteira. Nós dizemos sempre que devemos viver a nossa Fé aqui com a mesma intensidade com que a vivíamos lá, embora, quando chegámos cá, tivemos de nos adaptar ao local, aos costumes, talvez até aos horários e outras coisas que muitas vezes até afectam, de certo modo, a vida da Fé e, se não houver um equilíbrio, podem atrapalhar. Quando cheguei aqui, no princípio, senti a falta da Igreja porque eu estava habituado, na minha terra, em Cabo Verde, a ter culto de manhã, levantava-me de manhã às 9h00, ia à escola dominical, depois tínhamos auscultação às 11h00, depois à noite, às 6h00 da tarde, tínhamos culto evangélico, nós íamos pelos arredores e fazíamos outras actividades. Portanto, quando cheguei aqui deparei-me com o facto de que tínhamos de usar uma

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

igreja que não era nossa, era alugada; portanto, de manhã, os donos usavam a igreja, e eu ficava num tédio, não tinha nada para fazer. Mas, francamente, custou-me a entrar neste sistema. Então, saía, visitava outras igrejas que tinham serviço de manhã, para preencher aquele vazio, aquele vácuo. Mas é difícil. Outros enfrentam o problema de trabalharem por turnos. Às vezes acontece, há pessoas que trabalham nos hospitais, há pessoas que fazem assistências às casas de pessoas doentes, logo, trabalham aos domingos e no dia, na hora do culto, estão a trabalhar e é um conflito. Muitos deles até saem, vêm correndo para a igreja, ou saem da igreja e vão para o serviço. Então, são a estes pontos que muitas vezes a Igreja tem de se adaptar, até com a mudança do horário de culto para tentar abranger estas pessoas que têm horários e turnos diferentes. Não é difícil, é possível.

JAL - Quando se encontra num país lusófono ou quando costumava viver num país lusófono (incluindo o seu), era difícil viver a sua Fé?

MNSG - Não. Não foi difícil. Porque realmente a Fé é firmeza, a firmeza da nossa vida, a estabilidade da nossa vida e, realmente, se nós apelarmos à nossa Fé, encontraremos a nossa estrutura. E esta estrutura, nós a trouxemos de lá. Como disse, eu estou no Ministério há trinta e um anos. Eu terminei o Seminário em Março de 1975, a 2 de Março de 1975. Então, desde essa altura estou no Ministério. Fui colocado na Brava por treze anos, onde todos os nossos filhos nasceram: Joquebede Miriam, Jonatan, Jetro, Jedida, Joel, o mais velho, que está na Florida, e por aí fora temos andado até chegar aos Estados Unidos da América. Estamos aqui há onze anos, nesta luta. É uma luta.

JAL - Se não se importar, poderia falar dos seus estudos religiosos e poderia debruçar-se sobre o treino para ser pastor/líder espiritual?

MNSG - Na altura, como agora, aliás como sempre, o Seminário Nazareno em Cabo Verde requeria, e requer, um padrão de escolaridade mínima que põe como alvo para que o jovem ou a pessoa candidata entre para o Seminário. Há um período chamado de «Aluno Prospectivo», portanto, o indivíduo, o jovem, está na Igreja, está sendo seguido pelo Pastor. O Pastor segue o jovem. Quando nota que este tem aptidão para ser um líder espiritual e o jovem diz que sente realmente vocação para ser pastor, então, manda-se o pedido para o Director do Seminário. O Comité reúne-se e os membros concluem que este indivíduo passa a ser considerado um «Aluno Prospectivo» até, digamos, alcançar o grau de escolaridade mínima para o ingresso no Seminário. E, nessa altura, o grau de escolaridade era o quinto ano dos liceus para ingressar no Seminário. Então, nós tínhamos de trabalhar. Trabalhar de dia, estudar à noite. Eu fui condutor profissional durante muitos anos. Trabalhava no Comando Naval. Na altura, havia a Marinha Portuguesa em Cabo Verde. Conduzia um autocarro automóvel. Muitas vezes eu fazia carreiras por turnos. Eu levava o carro, punha-o lá. Vinha a correr para assistir uma aula. E vinha a pé. Às vezes andando seis ou sete quilómetros a correr para aqui e depois apanhava uma boleia e continuava. Não fui «Aluno Interno» porque já tinha feito a Tropa e estava estudando. Então, eu estudei, digamos, com classes de explicações. Nós entrámos no Seminário e estudámos durante três anos várias matérias: Inglês, Português, Teologia e Psicologia dos Adolescentes. Estudámos matérias bíblicas que nos pudessem dar direito a um currículo. Estudámos uma série

de disciplinas durante três anos. Este é um curso de quatro anos, mas, normalmente, é comprimido para três anos. Em 1975, terminámos a nossa preparação, recebemos o nosso Diploma e fomos colocados para o desempenho das nossas funções como caloiros, como principiantes, na ilha da Brava. Foi aqui que tivemos o nosso começo. E ali estivemos treze bons anos. E depois destes treze anos na Brava fomos chamados para São Vicente, no Mindelo, onde tínhamos estudado, onde tínhamos estado durante treze anos; estive lá dois anos como Pastor e depois fomos para uma outra ilha chamada São Nicolau, do outro lado, no Barlavento, depois estivemos em Santiago, em Santa Catarina, Assumada, Picos, por um períodos de dois, três anos quase, então, viemos. Desde 1994 estamos aqui nos Estados Unidos. Mas é interessante que, depois da formatura, o Pastor é chamado «Pastor Licenciado», «Ministro Licenciado», e deve servir pelo menos quatro anos como «Ministro Licenciado», e, depois deste período, é apresentado como candidato à ordenação. Desde sempre, quem preside na ordenação do Pastor é o Superintendente Geral. Isto faz parte da Orgânica da Igreja. Portanto, a Igreja do Nazareno é dirigida por seis Superintendentes Gerais. Não tem um homem lá a dirigir a Igreja. A Igreja está dividida em partes, no Mundo, e cada um destes Superintendentes tem uma parte do Mundo sob sua jurisdição. De tempos a tempos um destes Superintendentes desloca-se para Cabo Verde para presidir a uma Assembleia e nesta altura celebrar, officiar, também uma classe de ordenação. Portanto, eu formei-me em 1975 e, dez anos depois, viria a ser ordenado em 1985. Portanto, eu sou «Presbítero» da Igreja do Nazareno. É a única hierarquia que existe na Igreja do Nazareno. Há também este período de vinte e tal anos que fomos ordenados, que recebemos a Ordem de Presbitério, a nossa ordenação. E assim tem sido a nossa caminhada.

JAL – Além da conversão – claro, dado que sentiu alguma coisa por dentro –, por que escolheu ser Pastor? Poderia ter sido só um fiel, um crente? O que leva um “simples” crente a ser Pastor de uma igreja, no seu caso, da Igreja do Nazareno?

MNSG – Naturalmente. É uma vocação. A gente sente que, além de ser um crente fiel à Igreja, um colaborador da Igreja, a Bíblia diz que Deus chama determinadas pessoas para o serviço específico dentro da sua Igreja. Eu entendo que nós fomos chamados especificamente para este Ministério. Daí a razão de ser Pastor. É interessante porque eu trabalhava no Comando Naval e foi numa altura em que eu ia para o Seminário, fui lá falar com os chefões e disse “Eu tenho de interromper o serviço aqui porque tenho de ir para o Seminário”. Eles disseram: “Senhor Gomes, Senhor Gomes, olhe lá o que está a fazer, pense bem. Você vai, mas, se quiser, o seu lugar está aqui, quando quiser, o seu lugar está aqui”. Então, o Comandante, o Comandante lá da Fragata, chamado Pilar, deu-me uma folha escrita com “Serviço Prestado” – eu até parece que devo ter em qualquer lugar –, ele dizia sempre: “Você quando quiser...”. Eu ia lá sempre. Quando me casei eu fui lá dizer que estava casado. Abriram-me a cantina para eu comprar aquilo que quisesse para o casamento. Portanto, isto foram boas relações. Mas a verdade é que quando Deus chama, a gente deixa as redes. A gente deixa as redes e entra para o Ministério. Então, nós estamos empenhados nisto durante todo este tempo. Pese embora que, aqui, nos Estados Unidos, paralelamente ao Ministério, eu tenho outro trabalho. Eu tenho outro serviço que faço para ajudar porque a Igreja é uma igreja financeiramente fraca, é do Povo, as pessoas não têm ... e para não serem um fardo para a Igreja, nós temos de fazer alguma coisa, e a Igreja colabora. E eu estou ajudando a Igreja.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

JAL - E os fiéis, a maioria é de origem cabo-verdiana? Não há outras etnias ou raças?

MNSG - Sim, a maioria é de origem cabo-verdiana. E muitos deles são da Brava, de onde nós viemos. Mas temos alguns irmãos de outras ilhas também. Quanto a outras etnias e/ou raças, houve uma altura em que nós tivemos alguns espanhóis [hispanicos, da América Latina]. No princípio, quando eu vim, encontrei alguns espanhóis. Mas era lógico que depois de ter uma igreja da mesma língua eles quisessem inserir-se nessas congregações. E, então, para já, só temos cabo-verdianos. O nosso objectivo tem sido isto: que a nossa Igreja não seja apenas cabo-verdiana. É uma igreja evangélica que pretende atingir outros povos que também falam o Português. Tem aqui várias gentes, várias pessoas de Angola, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, assim como brasileiros, aqui à volta. Então, o nosso objectivo, realmente, é atingir esta gente. Nós não somos sectários. O nosso Povo é todo aquele que se abre para receber o Evangelho. E esse é o nosso objectivo.

JAL - Poderia descrever o seu dia-a-dia?

MNSG - Levanto-me cedo de manhã, às 5h00. Preparo-me. O meu trabalho é no New England Tech [Escola Politécnica]. Faço oito horas de serviço. Volto para casa. E nos dias que temos serviço na Igreja, estamos na Igreja. E agora felizmente — digo felizmente porque, durante três anos, assisti a duas igrejas: aqui em Pawtucket e em Boston; por acaso, foi agora, em Fevereiro de 2006, que deixei de ir a Boston — só tenho uma igreja, esta em Pawtucket. Portanto, na altura, o Superintendente pediu-me para assistir àquela igreja em Boston durante um período de seis meses. Mas, três meses, eu aguentei três anos em Boston. Mas, felizmente, apareceu um outro colega que podia tomar conta daquele trabalho e, a partir de Fevereiro, ele começou o trabalho. Eu estou mais livre agora. Portanto, todas as quartas eu ia para Boston, à tarde, eu saía do trabalho, voltava para casa, tomava banho, vestia-me e ia para Boston e por volta das 22h00 voltava para casa. Isto duas vezes por semana: quarta-feira e domingo. Felizmente, agora, estou só aqui. Eu não estou apenas..., eu não estou tão dividido como estava antes. É o stress, não é? Mas é um prazer também, porque era necessário também ter aquele trabalho porque alguém teria de o fazer. Eu aceitei aquela responsabilidade. Há tempo para começar e tempo para parar. E agora chegou o tempo para ceder o lugar a um outro Pastor. E estamos contentes que ele esteja lá.

JAL - É difícil viver a sua vida de pastor/líder espiritual e de pai/esposo?

MNSG - Não. Para mim não é. Isto é importante. É importante que o Pastor tenha a sua família. É bíblico. As Escrituras dizem que o Bispo deve ser casado, marido de uma mulher, e que mantenha os seus filhos e a sua missão. Então, se um homem não sabe governar a sua casa como é que governará a sua Igreja? A Bíblia, de facto, diz: «se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja. Convém pois que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia; (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?» [1 Timóteo 3:1-5]. Portanto, a minha família tem ajudado. A família não atrapalha. A família é um plano de Deus e ajuda. Isto é bom. Os nossos filhos aqui ajudam e trabalham também.

JAL – O senhor Pastor tem contactos com outros pastores/líderes religiosos não-católicos, sobretudo lusófonos?

MNSG – Sim. Colegas nossos, da nossa Igreja e não só. Ainda por acaso, há pouco tempo, há uns meses, nós tivemos um retiro no qual foi Prelector Administrativo um Pastor da Igreja das Assembleias de Deus. Antigamente até seria como que um sacrilégio ter um Pastor não-nazareno no meio de uma congregação nazarena. Mas agora tudo é natural. Por acaso deveria contactar o meu filho Daniel porque ele fez um DVD desta reunião e eu quero ter um destes DVD's para ver como é que correu este retiro, pô-lo no arquivo e mostrá-lo na Igreja, para incentivar os jovens e incentivar a Igreja a participar neste tipo de eventos.

JAL – O senhor Pastor escreve os seus sermões ou são frutos extemporâneos, baseados na Inspiração Divina?

MNSG – A gente estuda. Bom. No princípio do Ministério, o meu sermão era totalmente, completamente escrito, na íntegra. Mas, depois, com o tempo, com prática, com mais rotação, a gente usa tópicos. Uso um esboço, para ter uma orientação. Às vezes a gente treina. No Seminário a gente tinha uma aula chamada “Arte de Falar em Público”. Então, nós tínhamos aquelas aulas e, por exemplo, o professor dizia: «Você está a pregar e a luz vai-se embora. Como você vai pregar se você tem de seguir o esboço?». Então, a gente tem de treinar. Não é? Tomar um tópico. Saber de que você vai falar. Você tem aquilo escrito mas você tem de ter aquilo mais ou menos memorizado. Se a luz apaga, você continua. Mas se você não tem nada, você pára agora: «Irmãos, aleluia. A gente já se foi embora. Não se pode continuar com o serviço porque não temos luz e não posso ver o esboço». Está a ver, está a ver o problema? A gente sente-se mais à vontade quando não está ligada a um manuscrito, mas é bom ter uma orientação. Portanto, vou à minha secretária, sento-me, tiro alguns apontamentos, faço as minhas pesquisas e tenho, digamos, os meus tópicos. Antigamente eu tinha um livrinho, o Sermônário, onde eu tinha todas as minhas mensagens compiladas. Guardei-o durante algum tempo. Mas, depois, a gente vai andando, a gente deixa de usá-lo. Mas é sempre bom a gente saber o que está a dizer. A gente não vai lá para dizer baboseiras, mas sim coisas sérias. Então, o texto pode ser uma mensagem textual, ou pode ser uma mensagem expositiva, depende da opção que o Pastor fizer, do objectivo que o Pastor tiver, com o ensino que pretende aplicar. Então pronto. A gente normalmente toma um texto, trabalha o texto e tenta esgramear o texto. A gente tenta tirar tudo aquilo que o texto está dizendo. Outras vezes você toma um texto, toma a ideia do texto, e então dá o seu desenvolvimento à volta deste texto, mas abrangendo em vários pontos a ideia do mesmo e daí em diante. Mas é interessante. Alguém tem de saber como fazer. Não é chegar lá e abrir [a Bíblia] e dizer: «Hoje vamos falar de Criação». Pode-se falar sobre a Criação mas tem de se ter uma preparação prévia para saber do que se vai falar.

JAL – Há mulheres pastores, nomeadamente, pastoras nazarenas? Sei que há em Portugal.

MNSG – Há. A nossa Superintendente do distrito aqui é uma mulher. Ela é americana, americana de cor. É interessante porque ela era pastora da igreja onde eu estava em Boston, era pastora da igreja americana de Boston na altura em que eu estava na igreja de Boston ela estava lá. Mas depois o Superintendente pô-la como Assistente.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

Mas aconteceu que o Superintendente adoeceu. E o Superintendente veio a morrer. Ela ficou no lugar dele. Depois houve eleições e ela foi eleita. Mesmo a título de informação: no ano passado nós tivemos a primeira mulher eleita, uma Superintendente Geral da Igreja do Nazareno. Normalmente têm sido homens. Nunca aconteceu na história da Igreja do Nazareno termos uma Superintendente mulher no meio dos homens. Mas este ano, na última Assembleia-geral, porque a Assembleia-geral é feita de quatro em quatro anos, têm estado a descentralizar a Assembleia. Normalmente, a Assembleia tem sido feita sempre em Kansas City, no estado do Missúri, mas depois acharam que Kansas City fica muito distante das demais igrejas nazarenas e, portanto, trouxeram-na para o Indiana, em Indianápolis, onde houve duas Assembleias. Em 1981 eu vim para uma Assembleia de Cabo Verde na Califórnia, em Anaheim. Portanto, têm estado a descentralizar as Assembleias e, dizia, nós temos várias senhoras pastoras, portanto, aqui, como em Cabo Verde também, há pastoras já ordenadas. Antigamente, há uns dez, vinte anos, era estranho, mas agora não, agora é normal ter uma líder espiritual, uma pastora, porque o Evangelho não está circunscrito apenas aos homens, as mulheres também devem tomar parte do Ministério.

JAL – Há alguma diferença entre a maneira de expressar a Fé entre a sua denominação – em Portugal assim como em outros países de língua e cultura portuguesas – e a sua congénere anglófona?

MNSG – Eu acho que sim. Quer dizer, as pessoas são diferentes. Eu acho que, até certo ponto, nós, os Cabo-verdianos – às vezes as pessoas não querem que eu diga isto mas é verdade –, fomos aculturados. Sabe porquê? Porque foram missionários americanos que foram para Cabo Verde e levaram a Igreja do Nazareno para lá e nós quase que adaptamos, ou melhor adoptamos, o estilo de louvor e adoração ao Senhor deles. Aliás, aprendemos com eles. Mas nós sentimos cá dentro que a nossa forma de cantar não é assim, que nós normalmente batemos palmas e mexemos um pouco. Agora está entrando mais, não é? Portanto, o Africano é mais explosivo. E se nós notarmos – não sei se o Doutor Levi tem tido a oportunidade de ver –, se formos a uma igreja americana de cor, é completamente diferente o louvor, a adoração ao Senhor, é muito semelhante ao modo como nós – Cabo-verdianos ou os Africanos em geral – adoramos. Embora tenha havido uma mistura, não é, alguns evangélicos de cor estão na igreja branca, alguns evangélicos brancos estão na igreja de cor. Portanto, isto antigamente não se dava, não havia esta miscigenação. Era a igreja do americano branco de um lado, era a igreja do americano de cor de outro lado, mas, felizmente, graças a Deus, isto, Deus tem mostrado aos homens que viver e estarmos juntos tendo a mesma Fé, tendo o mesmo Deus, adorando no mesmo Templo, sem estas diferenças [raciais e/ou étnicas], sem preconceitos é a nossa única razão de ser. Havia um certo preconceito. A gente tinha de aceitar que mesmo dentro da Igreja, no mesmo capítulo da Fé, existia um certo preconceito entre um ser de cor branca e escura. Mas, graças a Deus, isto já passou.

JAL – A maneira de expressar a Fé de um lusófono não-católico – incluindo a língua portuguesa e/ou crioula, como, por exemplo, o uso de determinados vocábulos – é diferente daquela de um católico lusófono?

MNSG – Sim. Naturalmente. É diferente. Porque a forma como você interioriza a Fé é a mesma forma como você expressa a sua Fé. Portanto, a forma de viver de um

evangélico e de um católico é diferente. O evangélico diz que antes de ser evangélico ele era católico. Então, deixou de ser católico para ser evangélico. Então, houve uma mudança na vida dele. Houve uma mudança de atitude. Houve uma mudança de comportamento. E até uma mudança de vocabulário, como o Doutor Levi disse há bocado. Se você for encontrar um português, ele tem os seus calões, tem os seus palavrões que usa. E mesmo depois de convertido parece que é empurrado para lá. Mas ele sente que agora a língua deve ser polida, tem que ser limada, tem que ser purificada. E, então, há essa mudança que existe, digamos, na conduta do crente. A Bíblia diz: «Aquele que furtava, não furtar mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade» [Efésios 4:28]. E é por isso que nós continuamos a insistir que a vida de um crente tem de passar por uma mudança que, teologicamente, se chama “Conversão”, “Regeneração” ou “Justificação”. Existe uma série de palavras, de expressões teológicas que nós usamos e que os teólogos também usam e aplicam à vida da pessoa transformada. São João diz: «Nascer de novo» [João 3:3]. Não é? São João teve um diálogo com Jesus, falaram sobre isto, Nicodemos chegou e disse: «Rabi, bem sabemos que tu és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele» [João 3:1-3]. Então, ele veio com elogios. E Jesus disse-lhe: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus» [João 3:3]. E Nicodemos ficou admirado e disse: «Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tomar a entrar no ventre da sua mãe, e nascer?» [João 3:4]. E Jesus respondeu-lhe: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus» [João 3:5]. E depois acrescentou: «O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito» [João 3:8]. Nicodemos não era Mestre. Ele era fariseu e fazia parte do Sinédrio, dos Setenta da Mesa, ele era Rabi, era Mestre de Israel e não sabia isto. Portanto, o novo nascimento está implicitamente ligado à vida do novo crente. E daí a razão pela qual há uma nova forma de ser, um novo vocabulário, muitas vezes até uma nova forma de estar, porque é uma pessoa nova. E é interessante que agora têm observado, as pessoas cobram por isso, as pessoas lá do lado de fora estão observando a vida deste fulano, o que ele era antes, ele bebia, ele fumava, ele fazia isto e aquilo, mas agora a vida dele sofreu uma mudança, para melhor. E isto faz a diferença. Não é apenas ir à Igreja. Não é apenas que a pessoa vá à Igreja aos domingos, aos cultos e depois saia e continue a sua vida na mesma. Não. O nosso objectivo, o nosso padrão, a nossa vontade perante Deus é que o homem seja diferente, que o homem seja consoante à imagem com a qual ele foi criado. Deus disse: «No princípio façamos o homem à nossa imagem e semelhança» [Génese 1:26]. Portanto, “imagem e semelhança” no sentido de moral. Bastante semelhante, muito parecido com Deus. Mas muitos ingredientes entraram na vida do homem que estragaram ou denegriram esta imagem. E agora a Bíblia diz-nos que temos de voltar a essa imagem, temos de voltar a reencontrar, a reencontrarmo-nos com aquilo que perdemos. Interessante, não é? Esta é a vida da Fé, da Fé Evangélica. E isto é aquilo que nós gostamos que a nossa gente viva e que a nossa gente tenha.

JAL – Quanto ao baptismo da vossa Igreja, é similar às suas congéneres protestantes, ou seja, é por imersão completa e o crente decide, quando chegar a uma idade mais madura e, mormente, quando sentir a necessidade de unir-se a Deus e à sua Igreja na Terra?

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

MNSG – Nós baseamo-nos numa premissa. A palavra do Senhor diz-nos que: «Quem crer e for baptizado será salvo; mas quem não crer será condenado» [Marcos: 16:16]. Agora, entendemos que uma criança, digamos de uns meses ou de poucos dias, não tem capacidade para crer. E achamos que..., aliás a Bíblia diz que o baptismo deve ser desejado, deve ser pedido. Você é crente, é cristão e quer ser baptizado. E então, segundo a sua vontade, e segundo a orientação de Deus, você é baptizado. As crianças, nós dedicamo-las ao Senhor. Temos uma cerimónia que chamamos “Dedicação” ou “Apresentação” [Êxodo: 13:2]. De facto, a Bíblia diz que Jesus Cristo foi levado ao Templo para ser apresentado. Simeão, um grande homem, que estava lá, no Templo de Jerusalém, no turno do seu serviço, quando o menino Jesus entrou, acompanhado pelos pais, «tomou [Jesus] nos seus braços, e louvou a Deus, e disse: Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, Segundo a tua palavra; Pois já os meus olhos viram a tua salvação, A qual tu preparaste perante a face de todos os povos; Luz para alumiar as nações, E para glória de teu povo Israel» [Lucas: 2:25-32]. Depois, quando Jesus Cristo tinha trinta anos, foi baptizado. Entrou no rio Jordão para ser baptizado. Não precisava de ser baptizado, mas Ele consentiu isto: «Então veio Jesus da Galileia ter com João, junto do Jordão, par ser baptizado por ele. Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser baptizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu. E, sendo Jesus baptizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo» [Mateus: 3:13-17]. O baptismo, portanto, é para ser administrado a um indivíduo consciente. Esta é, digamos, a nossa visão. O crente deve ser consciente. Ele deve saber o que quer. Ele quer ser baptizado. Nós não impingimos. Nós entregamos a pessoa. A pessoa pede para ser baptizada. E há uma ligação, digamos, quando uma pessoa faz o baptismo. Quando a pessoa é baptizada, a pessoa é implicitamente aceite como membro da Igreja. Portanto, uma pessoa pode ser convertida, assiste à Igreja. Agora, há uma diferença. O que nós entendemos com isso: “membro”. A Igreja tem negócios, sobretudo em momentos de eleições, anualmente. Então, um indivíduo que não é membro da Igreja, assiste aos cultos de adoração ao Senhor, participa nos cultos, canta nos cultos, mas não pode participar neste negócio de eleições, porque não é membro oficial da Igreja. Há uma outra questão: você é membro da Igreja do Nazareno, digamos, em Fall River, no estado do Massachusetts, você vem para assistir a uma reunião de negócio aqui, em Pawtucket, no estado de Rhode Island, você não pode, digamos, interferir neste negócio de eleições porque não é membro desta igreja local, embora seja membro da Igreja do Nazareno daquele lado. Está a perceber? Então, a Igreja vai escolher um Pastor, a Igreja vai escolher os Oficiais para dirigirem a Igreja neste Ano Eclesiástico. Portanto, são os membros da Igreja que têm de ser eleitos ou que devem votar para escolherem pessoas para dirigir a Igreja.

JAL – A Igreja do Nazareno celebra o Natal? As igrejas protestantes portuguesas – não sei em Cabo Verde – não celebram o Natal e a Páscoa. Também aqui, nos Estados Unidos, antigamente, ou seja, até à Primeira Guerra Mundial, muitas confissões protestantes não celebravam o Natal e a Páscoa. Depois, com a grande onda de imigração, muitas denominações protestantes começaram a celebrá-los, umas apenas como símbolo, outras como verdadeiras celebrações do nascimento e da morte

de Jesus. Como é a situação na Igreja do Nazareno, aqui nos Estados Unidos, assim como em outros países, incluindo Cabo Verde, face a esta questão?

MNSG – Não sei. Não tenho conhecimento de igrejas evangélicas que não celebrem o Natal. Sei que houve um pastor que esteve em Cabo Verde, que veio de uma outra denominação, e foi inserido na Igreja, mas quando chegou a altura de celebrar o Natal, ele negou-se de celebrar o Natal. Quase que ficou fora. Eu acho que é tradicional celebrar o Natal, lembrar que Jesus nasceu; às vezes há conflitos. Bom, nós não sabemos quando Jesus nasceu. Não há uma data. É por isso que se convencionou, é uma data convencionada. Convencionou-se que a 25 de Dezembro todas as igrejas evangélicas à volta do Mundo e cristãs – protestantes ou não-protestantes – celebram o Natal neste mesmo dia. E, portanto, nós celebramos o Natal. É como se estivéssemos a celebrar o aniversário de uma pessoa amiga, muito querida e, neste caso, o aniversário de Jesus Cristo, o nosso Salvador, com muito mais razão. E é normal que durante este tempo venham muitas pessoas à Igreja: há programas especiais, há cânticos especiais, às vezes nós temos um drama, outras vezes optamos por uma cantata. Agora, aconteceu que o tempo que nós temos lá é diferente do tempo que nós dispomos aqui. E isto muitas vezes afecta a forma como nós desejamos celebrar o Natal. Portanto, não há nenhuma discrepância neste sentido. Agora, a Bíblia diz: «E Aconteceu naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse [...] E subiu também José da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David, chamada Belém (porque era da casa e família de David), A fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz a seu filho primogénito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem» [Lucas: 2:1-7]. Os Reis Magos vieram e os pastores vieram adorá-lo. Portanto, nós agarramo-nos a toda esta cronologia, histórica, para continuarmos a fazer esta festa, que é a celebração do Natal.

JAL – Se souber, poderia descrever a percentagem de luso-falantes não-católicos a residirem na Nova Inglaterra ou até nos Estados Unidos e no Canadá? Existem dados/estudos sobre isto?

MNSG – Conheço. Para dizer com números específicos, não conheço. Mas a verdade é que, em Cabo Verde, numa altura em que se fez um censo, há quase dez anos, dizia-se que noventa por cento do povo cabo-verdiano era católico, pelo menos nesta altura. Pode ser que agora as estatísticas estejam um pouco mais baixas porque na altura o único grupo evangélico existente em Cabo Verde era a Igreja do Nazareno. Mas agora, depois disto, depois da Independência (5 de Julho de 1975), entraram muitos outros grupos evangélicos não-nazarenos e então muita gente foi para aquele lado. Há uma igreja que se chama Reino de Deus, uma outra que se chama Assembleia de Deus; há uma igreja Pentecostal e a Igreja Maná; uma outra chamada Deus é Amor. Portanto, há vários grupos evangélicos não-nazarenos que entraram em Cabo Verde e algumas pessoas foram para estes grupos. Portanto, diminuiu um pouco aquela fatia que era numericamente maior da parte da Igreja Católica, mas naturalmente nós temos de aceitar que o povo de Cabo Verde é essencialmente católico. Agora, discute-se muito a sua catolicidade. Alguns dizem-se praticantes e não-praticantes. Eu não acredito que haja crentes evangélicos praticantes e não-praticantes. Ou se é crente ou não se é crente.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

JAL – No Brasil, o Catolicismo é mais sincrético, sobretudo devido ao contacto com as religiões africanas e indígenas. Isto, claro, não é o caso das confissões protestantes. O Protestantismo é geralmente uma escolha própria, sobretudo quando a pessoa não nasce na Fé, mas sim, se converte voluntariamente. Isto também é o caso de Cabo Verde?

MNSG – Não, não, acho que não. Aqueles que são católicos, vão à igreja, assistem à igreja, são mais católicos no sentido, como disse há pouco, tradicional, mas não são católicos cem por cento ou praticantes. E, portanto, não há muita diferença acentuada neste ponto. O católico não vai à igreja, não tem exigência, não tem um padrão, diz que é católico, os pais levaram-no para a igreja... é cultura, é tradição. É mais cultura que religião. E a religião passa a ser mais cultura. Agora, como disse há bocado, quando um indivíduo se converte ao cristianismo evangélico ele muda. Eu lembro-me que tínhamos um movimento lá, na Brava, e havia um grupo de rapazes da Função Pública que ia à Igreja, assistia aos cultos de adoração ao Senhor. Eram amigos. Uns eram Delegados da Polícia Civil, outros eram Delegados da Administração, então um deles disse: «Mas, Pastor, se a gente, quando a gente se converte, a gente deixa de tomar um caco [uísque ou grogue]». Bom, aí é que está a palavra. Quando nós queremos converter, o converter “engloba o caco”. O caco também faz a conversão. Agora, eu sei que para o português continental é difícil ele deixar de tomar o seu vinho. Para o português continental parece que é até sacramental tomar o seu copo de vinho. É como tomar um prato de sopa. Agora, os meus vizinhos perguntaram-me isto: «Quando a gente se converte, a gente se torna crente, começa a vir para a Igreja à sério, tem de deixar de tomar o caco, aquele groguinho?». Ser cristão é uma escolha de vida. Não é apenas seguir uma igreja. Não é apenas ter uma religião. É seguir o caminho. Jesus disse: «Eu sou o caminho, e a verdade e a vida: ninguém vem ao Pai, senão por mim» [João 14:6]. Portanto, a gente faz a sua escolha. É uma bênção. É uma bênção. Agora, nós aceitamos as diferenças. Nós não queremos impor às pessoas a nossa religião. Não queremos que elas sejam como nós somos. Cada um seja aquele que é ou quer ser. Faça a sua escolha. Mas se escolher o caminho de Deus, então, é uma boa escolha. E nós estamos satisfeitos porque conseguimos incutir alguma coisa na mente. Não é fácil. Não é fácil. Eu dizia na Brava, onde estive durante muito tempo: “Se nós não pudermos ter as pessoas como crentes, procuremos tê-las como amigas.” Eu tinha muitos amigos que realmente não eram da minha Igreja. E até hoje estas amizades continuam. Algumas destas pessoas estão aqui nos Estados Unidos e há uma certa amizade, há um certo respeito. Eu jogava à bola, ia ao campo de futebol, jogava à bola com os rapazes, praticava vólei com os rapazes, mas estes tinham cuidado quando eu estava lá. Às vezes, quando queriam ter um impulso menos correcto, eles diziam: “Não, cuidado, o Pastor está aqui”. Eu sentava-me no jardim, na praça, e conversava com eles. A minha casa ficava ali. Portanto, para ir à Igreja passava por lá, jogava e conversava com eles. Nós temos de trabalhar com as pessoas. O nosso capital do trabalho são as pessoas. Se nós tiramos as pessoas, com quem é que vamos trabalhar?

T E S T E M U N H O S

Entrevista a AUGUSTO LOPES¹

JOSEPH ABRAHAM LEVI – Descreva a sua denominação religiosa.

AUGUSTO LOPES – Eu sou da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

JAL – A sua denominação religiosa faz parte de um grupo maior, ou seja, é um ramo de uma denominação ou confissão religiosa maior, nacional ou internacional?

AL – É internacional.

JAL – O senhor nasceu na Fé ou converteu-se?

AL – Eu nasci na Fé mas não a tomava a sério, depois mais tarde “converti-me”.

JAL – É possível ser ao mesmo tempo não-católico e lusófono? É difícil «conciar» as duas coisas, nomeadamente, ser não-católico e português/lusófono?

AL – Não, pode ser sim, pode ser.

JAL – Conhece alguns lusófonos não-católicos que são de uma outra denominação religiosa além da sua?

AL – Conheço muitos.

JAL – Como vive ou vivia a sua Fé aqui nos Estados Unidos e como vivia a sua Fé em Cabo Verde?

AL – Bom, no meu País, eu sou de Cabo Verde, eu ia para a Igreja porque o meu pai me obrigava. Depois quando cheguei aqui fiquei afastado. Então, chegou a um certo ponto que eu senti, não é, e aí voltei.

JAL – Por isso, é importante para si viver a sua Fé?

AL – Sim, é muito importante.

JAL – Quando se encontra em um país lusófono ou quando costumava viver em um país lusófono (incluindo o seu), era difícil viver a sua Fé, no meio de outras pessoas que não são ou não eram da sua mesma Fé, como, por exemplo, amigos, na escola, no seu lugar de trabalho?

AL – Não. Bom, como eu falei lá, aqui não tem problema não. Com os meus amigos portugueses não tem problema nenhum.

JAL – Foi discriminado pelo facto de não ser católico, aqui nos Estados Unidos ou em um outro país, sobretudo de língua e cultura portuguesas?

AL – Não.

¹Diacono, *Igreja Adventista do Sétimo Dia*, Pawtucket, Rhode Island.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

JAL - Se não se importar, poderia falar dos seus estudos religiosos na sua Igreja? O senhor tem algum treino religioso em particular?

AL - Na nossa Igreja, nós estudamos muito a Bíblia. E os Adventistas são conhecidos por serem o Povo da Bíblia. Então...

JAL - Poderia descrever o seu dia-a-dia, se é diferente de uma rotina de um lusófono católico?

AL - Eu acho que é diferente. Ao levantarmos, nós agradecemos a Deus. Os Católicos também fazem isto. Contudo, os Católicos têm rezas particulares, fixas, enquanto que os Adventistas — assim como as demais confissões protestantes — falam com Deus directamente, fazem uma oração pessoal e espontânea, directa com Deus.

JAL - Os seus pais ou alguns dos seus familiares são ou foram pastores?

AL - Não, não. Ninguém. Tinha um tio que era pastor, mas faleceu há muito tempo.

JAL - Como é a sua relação com os portugueses/lusófonos católicos?

AL - É muito boa, muito boa. Não tenho problemas. Se não discutir religião tudo fica bem.

JAL - Gosta de ouvir sermões?

AL - Gosto, gosto, sobretudo sermões de advertência.

JAL - Dedicar muito tempo à sua Igreja ou à prática da sua Fé?

AL - Eu já sou baptizado desde 1995. Baptizei-me aqui nos Estados Unidos. O baptismo foi uma escolha pessoal.

JAL - Quais são algumas das características dogmáticas da sua denominação/Fé que a diferenciam das demais denominações cristãs, católicas assim como protestantes?

AL - A diferença, por exemplo, é que os Adventistas guardam o sábado enquanto que as outras denominações, incluindo o Catolicismo, guardam o domingo, não é?

JAL - Então o senhor vai à sua Igreja aos sábados.

AL - Sim, vou aos sábados.

JAL - O senhor conhece — em termos percentuais ou não — a situação actual das confissões religiosas não-católicas nos países lusófonos (de Portugal a Timor-Leste), ou pelo menos em alguns países de língua e cultura portuguesas/crioulas?

AL - Não, não faço ideia.

JAL - E conhece a situação em Cabo Verde? Sabe mais ou menos a percentagem de não-católicos?

AL - Em Cabo Verde a maioria dos habitantes é católica mas também há Nazarenos, Adventistas, Mórmones e outras denominações protestantes. Mas é um País católico.

JAL – Há alguma diferença entre a maneira de expressar a Fé da sua denominação e a sua congénere anglófona? É/foi difícil criar filhos na sua Fé, quer aqui quer no seu País de origem? Por exemplo, um adventista de língua inglesa expressa a sua Fé duma maneira diferente do seu correligionário de língua e cultura portuguesas?

AL – Na Igreja Adventista, por exemplo, as pessoas não batem palmas. As mulheres adventistas lusófonas não usam muita maquilhagem.

JAL – A sua Igreja é uma igreja de língua portuguesa? É uma igreja portuguesa ou cabo-verdiana?

AL – Sim. Temos pessoas de origem portuguesa, cabo-verdiana e brasileira.

JAL – Porque escolheu esta igreja?

AL – Quando cheguei aos Estados Unidos comecei a assistir esta igreja, portanto fiquei nesta igreja, continuei a assistir esta igreja.

JAL – O senhor é casado? Tem filhos?

AL – Eu sou divorciado. Tenho dois filhos.

JAL – É difícil ou foi difícil criar filhos na sua Fé?

AL – No princípio era fácil. Eu e a minha mulher... Ela era católica. Depois converteu-se ao Adventismo. No princípio as coisas correram bem. Mas depois as coisas complicaram-se. Ela afastou-se da Fé. Foi difícil, sobretudo com as crianças. Isto aconteceu aqui, nos Estados Unidos.

JAL – A sua denominação contém alguma característica «portuguesa», «lusófona» ou «sincrética» que a diferencia das suas congéneres espalhadas por este Mundo fora?

AL – Não, não. O Adventismo não tem nada disto.

JAL – A maneira de expressar a Fé de um lusófono não-católico – incluindo a língua portuguesa e/ou crioula, como, por exemplo, o uso de determinados vocábulos – é diferente daquela de um católico lusófono?

AL – Sim, é diferente. Há muita diferença. Nós acreditamos que somos todos pecadores. Temos de viver cada dia na Fé para melhorar a nossa pessoa cada dia, não é? Os Adventistas sentem-se culpados se fazem uma coisa errada. Na minha opinião, um católico faz tudo aquilo que lhe apetecer e depois vai para a igreja. Quanto ao registo linguístico, não, nunca reparei numa diferença linguística entre a maneira de falar de um católico e de um protestante de língua portuguesa.

JAL – O senhor mantém contactos com lusófonos não-católicos?

AL – Sim. Mas tenho mais contactos com pessoas da minha mesma Fé. Falamos da Bíblia e de coisas da nossa religião.

JAL – Em poucas palavras, poderia descrever a sua Fé?

AL – Os Adventistas constituem um grupo de pessoas que aguardam a Segunda Vinda, ou seja, o Advento de Jesus Cristo.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

JAL - Qual é a diferença entre os Adventistas e, por exemplo, os Baptistas, os Evangélicos, os Metodistas e os Nazarenos?

AL - Por exemplo, os Adventistas acreditam que quando uma pessoa morre ela está a dormir, não está nem no Céu nem no Inferno. Está a descansar até Jesus Cristo voltar. Há outras religiões e/ou denominações protestantes que não acreditam nisto. Os Adventistas guardam o sábado porque os Dez Mandamentos dizem para guardar o sábado e não o domingo. Muitas denominações protestantes, assim como o Catolicismo, guardam o domingo. Também há várias outras características que mostram que há uma diferença entre os Adventistas e as demais denominações protestantes. Portanto, se eu e um protestante não adventista falarmos da Bíblia — coisa que temos em comum — não haverá problemas. Contudo, se começarmos a falar das nossas diferenças dogmáticas, então irá haver «guerra». Portanto, é melhor ficarmos nos pontos que temos em comum, em vez de falarmos das nossas diferenças dogmáticas.

JAL - Os Adventistas têm uma Escola Dominical?

AL - Sim. Os Adventistas vão à Escola Dominical quarta-feira, sábado de manhã e domingo à noite. A diferença é que os Adventistas de sábado não trabalham. Não vêem televisão... Como os Judeus. A única diferença é que para nós o Messias já chegou enquanto que os Judeus ainda estão à espera do Messias. Como os Judeus, nós não comemos carne de porco... A nossa Igreja tem boas relações com os Judeus.

JAL - Como é a vida de um pastor adventista?

AL - Para mim a vida de um pastor é uma vida muito corrida. O pastor tem de estudar, preparar os sermões, visitar as pessoas nos hospitais, nas prisões. A vida de um pastor é uma vida *stressante*.

JAL - Quando se baptizam os Adventistas?

AL - Os Adventistas baptizam-se quando são adultos porque devem perceber aquilo que estão a fazer. Um fiel deve expressar um interesse pessoal em baptizar-se. O baptismo é uma decisão pessoal.

JAL - Os Adventistas acreditam na evangelização?

AL - Sim. Acreditamos. A Evangelização é um mandamento de Jesus Cristo. Os Adventistas evangelizam muito. Eu sinto isto. Se nós vamos viver num lugar, que é o Paraíso, nós queremos levar os nossos amigos e os nossos familiares. Esta é uma coisa boa e queremos reparti-la com os outros. Portanto, tento evangelizar quando posso. Tento muito.

JAL - O senhor frequenta a igreja adventista de língua inglesa ou não?

AL - Fui poucas vezes. Prefiro ir à igreja de língua portuguesa.

JAL - A sua família é Adventista?

AL - Nós somos uma família grande. Somos nove irmãos. O meu pai morreu há dois anos. Então, tudo veio (ou seja, nós somos adventistas) por causa dele. Ele era católico. Converteu-se. Portanto, todos nós éramos adventistas. Depois, separaram-se. Neste mo-

mento, só eu, a minha mãe e a minha irmã. O resto não tem religião. Mas, no fundo, no fundo, quando uma pessoa precisa de uma coisa, procura Deus. O meu filho tem quinze anos e a minha filha tem nove anos, portanto, são ainda pequenos. Quando o Espírito Santo tocar as pessoas... Deus não toma em consideração o tempo de ignorância.

JAL – Gostava de ser pastor?

AL – Eu gostava. Mas acho que cada adventista faz o mesmo trabalho do que um pastor. Porque quando os adventistas evangelizam é quase a mesma coisa.

JAL – Vive a sua vida em função da sua Fé ou não?

AL – Sim. Além de ter um trabalho regular eu tenho um cargo na minha Igreja que faço com muito gosto e paixão. Faço muito trabalho de voluntário.

JAL – O senhor toma parte activa da função religiosa, do culto de adoração ao Senhor?

AL – Sim. Eu sou professor. Dou uma aula na minha Igreja. Sou diácono.

JAL – Os Adventistas acreditam no Natal, na Páscoa? Ou não?

AL – Sim, mas não como os Católicos e muitas denominações protestantes. Nós sabemos o que é o Natal: o nascimento de Jesus. Nós acreditamos que não foi a 25 de Dezembro. A Bíblia fala dos pastorinhos que foram visitar Jesus. Eu creio que no Inverno não havia pastorinhos lá. Não. Nós não acreditamos que o nascimento de Jesus foi no Inverno. Acreditamos no Natal como Símbolo. Não celebramos. Por causa das crianças, pelo hábito de dar presentes às crianças, nós usamos esta ocasião para «lembrar» o nascimento de Jesus mas não acreditamos que tenha ocorrido nesta data. A Páscoa também, não tem nada a ver com coelhos e ovos. Para nós, é só um símbolo. Nós sabemos o que significa Páscoa. Não celebramos a Páscoa mas falamos de quando Deus libertou os Judeus da escravidão no Egipto.

JAL – Descreva um típico culto de adoração ao Senhor praticado na sua Igreja.

AL – Na nossa Igreja o serviço de adoração começa às 10h00. Cantamos alguns hinos de adoração ao Senhor seguidos por um período de oração. Depois dividimo-nos em grupos para estudarmos a Bíblia. Isto durante a primeira hora. Durante a segunda hora o pastor prega. O sermão é seguido por alguns hinos de adoração ao Senhor e por algumas orações ao Senhor, todas espontâneas. Rezamos de joelhos e de pé. A primeira oração é ajoelhados. A outra é de pé. Não confessamos os nossos pecados publicamente. Confessamo-los só para Deus. Pecar é um pecado contra Deus. O segundo sábado é o dia das visitas, almoçamos juntos. É um período de convívio. Tudo em Português. Quando é uma visita a uma igreja anglófona, temos intérpretes para traduzir. O nosso pastor é brasileiro. A maioria dos pastores adventistas na Nova Inglaterra é brasileira.

JAL – Na sua opinião, é mais fácil converter um brasileiro e/ou um lusófono – de origem africana ou asiática – a uma outra religião do que converter um português (do Continente assim como das ilhas)? E se assim for, porquê?

AL – Acho que é mais fácil converter um brasileiro. O mesmo vale para os Africanos.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

Se uma pessoa vem de um país mais pobre, é mais fácil estar aberto a uma outra visão do Mundo. Para uma pessoa de um país mais desenvolvido é mais difícil aceitar ou até ouvir uma nova maneira de ser e, neste caso, viver a Fé. O português é mais enraizado no Catolicismo do que os demais lusófonos. Antes de qualquer coisa o Português é Católico. A maioria dos meus amigos portugueses é composta por católicos. Tenho dois amigos que são Mórmones mas o resto não. Eu jogo futebol, então, quando vamos comer, os meus companheiros de jogo reparam na minha comida, a qual reflecte a minha religião, dado que eu não como um certo tipo de comida. No princípio eles gozavam comigo, zombavam-se de mim, dizendo “Deixa isso, isto é para pessoas mais idosas”. Mas depois aceitaram-me. Notei uma diferença. Depois, quando eles precisarem de saber alguma coisa a respeito da Bíblia ou da religião em geral, é a mim que se dirigem. Eu fico contente.

JAL - Tentou converter os seus amigos, sobretudo os seus amigos católicos?

AL - Sim. Às vezes é difícil com os Católicos. Fala-se de religião com eles; contudo, eles crêem no Catolicismo e pronto. Não querem mudar de religião sobretudo por causa da família. Mesmo sabendo que irão para o Inferno se não abraçarem a nova Fé eles não mudam de religião. Nisso os Brasileiros são mais abertos. Ouvem qualquer coisa. Se nós os convidarmos eles vão à Igreja, mesmo se só por curiosidade.

JAL - O senhor visitou outras denominações?

AL - Já visitei a Igreja Evangélica e a Igreja Nazarena. Gostei até certo ponto. Eu acredito, como eles. Mas há certas coisas que eles fazem, e em que acreditam, das quais eu não gosto. Os Nazarenos, por exemplo, batem palmas durante o culto de adoração ao Senhor. Para nós isso seria impensável, seria como uma falta de respeito. Uma igreja é um lugar sagrado.

JAL - O senhor visitou uma igreja católica?

AL - Sim, já visitei. Uma coisa que gostei muito foi o facto de que as pessoas respeitam o silêncio. Disso, eu gostei muito. Isso às vezes falta na minha Igreja. Nisto, deveríamos aprender com os Católicos.

JAL - Como vê a sua vida daqui a cinco ou dez anos? Sempre na Fé?

AL - Eu vivo dia por dia. Eu não tenho nenhuma intenção de abandonar a minha Fé. A força que eu tenho da Fé sustenta-me. Até agora. Para a frente não sei. O futuro não existe.

JAL - O senhor quer acrescentar mais alguma coisa?

AL - Bom, eu gostava de dizer que o mais importante para a Humanidade é fazer o Bem. Não é bom discutir Política e Religião porque a discussão não leva a nenhum lugar. O importante é o respeito pelos outros e deixar Deus julgar.

T E S T E M U N H O S

Entrevista a
ROGÉRIO DE OLIVEIRA MEDINA¹

JOSEPH ABRAHAM LEVI – Descreva a sua denominação religiosa.

ROGÉRIO DE OLIVEIRA MEDINA – Eu iniciei-me catolicamente, até fui baptizado na igreja católica, mas aos quatro anos os meus pais converteram-se à crença evangélica. E foi na Igreja Presbiteriana. Quando eu tinha sete anos, os meus pais mudaram-se para próximo de Lisboa e nós começámos a frequentar a Igreja da Assembleia de Deus, que é um movimento pentecostal, e foi até aos vinte e seis anos de idade que trabalhei mesmo dentro do serviço da Igreja – fui Superintendente da Escola Dominical – até à minha vinda para o Canadá. No Canadá, continuei no mesmo movimento, na Igreja Pentecostal (*Pentecostal Church*), e depois, quando vim para Providence, em 1975, comecei a frequentar uma igreja denominacional baptista, mas com fundo pentecostal. Presentemente estou ligado a uma igreja americana, a *Covenant Community Church*, uma igreja de denominação, de actividade religiosa actual, ou seja, uma igreja evangélica contemporânea. A minha denominação de base é Pentecostal, da Assembleia de Deus.

JAL – Onde viveu no Canadá?

ROM – No Canadá vivi mesmo na capital, em Ottawa.

JAL – O senhor nasceu na Fé ou converteu-se em uma idade mais avançada?

ROM – Nasci na fé evangélica, apesar de só ter quatro anos quando os meus pais se converteram. De cinco irmãos, eu fui o único baptizado na igreja católica. Foi por vontade dos meus pais, portanto na altura... Como sabe na Igreja Evangélica... nós decidimos seguir e sabemos o que seguimos. Quando eu me baptizei na nova fé tinha por volta de catorze anos de idade, em 1955. Portanto, estava consciente daquilo que ia fazer.

JAL – A sua Igreja é uma igreja de língua portuguesa?

ROM – É uma igreja de língua inglesa.

JAL – Frequentou uma igreja de língua e cultura portuguesas?

ROM – Sim, quando cheguei aqui frequentei uma igreja de língua e cultura portuguesas, em Fall River, no Massachusetts, e hoje esta igreja já não existe. Também fiz parte de uma outra igreja, sempre em Fall River, uma igreja baptista pentecostal, a Igreja Pentecostal Luso-Americana que ainda continua. Em Providence, no Estado de

¹Vice-cônsul de Portugal, em Providence, Rhode Island (1975-2005), membro da *Covenant Community Church*, Rehoboth, Massachusetts.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

Rhode Island, existem missões em língua portuguesa: a crença evangélica está pouco implantada. As outras denominações, ao invés, estão bem implementadas, como a Igreja do Nazareno e a Igreja Adventista. E temos aqui, no Massachusetts, duas igrejas cujo serviço de adoração ao Senhor é em Português: uma em Seekonk, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, e a Igreja Cristã, a Assembleia Cristã, também em Seekonk. São dois movimentos que estão com uma grande abrangência. Talvez cada igreja tenha uma agremiação de cerca de duzentos membros cada uma. E têm uma acção, uma acção social bastante importante, com apoios aos idosos e às crianças, além de ter uma Escola Dominical que ensina às crianças. Também há programas de televisão. Portanto, estão com uma implantação muito boa. Além de se encontrarem no Massachusetts, encontram-se nas franjas do Estado de Rhode Island. Dentro do Estado de Rhode Island é a Igreja do Nazareno que está bastante bem implementada.

JAL – E a componente lusa destas igrejas é constituída por continentais, açorianos, madeirenses, brasileiros, lusófonos e/ou luso-descendentes?

ROM – Presentemente, devido ao fluxo da imigração do Brasil, é a parte cabo-verdiana e brasileira que prepondera. Dentro dos Portugueses, a maioria é dos Açores, devido à percentagem que existe da parte dos Portugueses, a percentagem dos Açorianos é cerca de setenta por cento em relação aos Continentais, que são por volta de vinte por cento. Esta é também, mais ou menos, a percentagem dos membros das igrejas evangélicas aqui na nossa área. Portanto, a maioria é dos Açores.

JAL – Na sua opinião, é possível ser ao mesmo tempo não-católico, no seu caso evangélico, e português/lusófono?

ROM – Pode ser. Não é fácil sabendo que a religião dos Portugueses e do resto do Mundo Lusófono é o Catolicismo. E, felizmente, foi depois do papado de João XXIII (1958-1963) que houve uma abertura, porque havia forte perseguição aos crentes evangélicos. E, gostaria de sublinhar em certos sectores da nossa comunidade, ainda existe. Não generalizado, não fora, mas entre familiares. Um familiar que se queira converter à fé evangélica sofre perseguição familiar.

JAL – Conhece alguns lusófonos não-católicos que são de uma outra denominação religiosa além da sua?

ROM – Sim, conheço. Portanto, a Igreja Evangélica – ou os não-católicos –, não predominam muito na nossa comunidade, sobretudo se considerarmos a primeira geração de emigrantes. A maioria é católica. Mas conheço alguns que frequentam não só a minha denominação mas também outras denominações evangélicas.

JAL – É difícil viver a sua Fé no meio de tantos lusófonos católicos?

ROM – Não para mim. Felizmente não para mim. Mas quero dizer-lhe que na minha vida profissional – trabalhei para o Governo português, como Vice-cônsul de Portugal – tive bom relacionamento, e digo que tenho grandes amigos padres. Talvez tivesse arranjado até uma relação muito mais amistosa com padres do que com pastores da minha própria igreja. Portanto, isto não tem nada a ver com o facto de eu ser protestante e eles católicos. Mas, no meu caso, não tem sido..., não é difícil. Talvez pela posição que eu exercia. Sempre respeitaram a minha crença. Eu também não a es-

condi. E quero dizer-lhe que, quando comecei a trabalhar para a Embaixada em Ottawa... Eu fui como imigrante para o Canadá. Mas em 1972 fui admitido para a Embaixada em Ottawa e o Embaixador de Portugal perguntou-me qual era a minha religião e eu manifestei-lhe a minha fé, o meu testemunho... E ele disse: «Mas você é protestante? Mas você é português? Mas é mesmo português, português?» Mas na brincadeira, não? E continuou: «É o primeiro português que eu conheço que professa a Igreja Protestante». Está a ver? Tão enraizada está a Igreja Católica dentro da nossa comunidade. E também quando fui registado nos serviços sociais da segurança social canadiana, dado que fui como imigrante, o oficial da imigração perguntou-me qual era a minha religião e eu disse que era evangélico. Ele disse: «Já trabalho há trinta anos para o Governo canadiano neste meu posto, tenho de fazer estas perguntas aos Portugueses, e tu és o primeiro português, em trinta anos de serviço, que não é católico». Isto foi em 1967, talvez haja mais hoje. A população evangélica aumentou depois da abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965)².

JAL – Na sua opinião, é mais fácil converter um brasileiro e/ou um lusófono – de origem africana ou asiática – a uma outra religião do que converter um português (do Continente assim como das Ilhas)? E se assim for, porquê?

ROM – É mais fácil converter um lusófono. Pelo facto da cultura e da família.

JAL – Como vive ou vivia a sua Fé em Portugal assim como na Diáspora?

ROM – Para se viver a Fé [protestante] em Portugal era preciso ter fé mesmo. Devido, portanto, àquilo que os nossos colegas, os nossos chefes diziam quando nós dizíamos... Porque normalmente o cristão evangélico não esconde a sua Fé. Não esconde. É possível que outras religiões o façam, mas o cristão evangélico não nega a sua Fé. Eu nunca neguei a minha Fé. E sentia, sentia certa aversão... Até um engenheiro no meu departamento, porque trabalhava para a LISNAVE, a CUF³, ele disse: «Tu de facto és um bom funcionário e tudo, é pena seres protestantes». Foi naquela altura, portanto... Era jovem de vinte anos.

JAL – Foi discriminado pelo facto de ser protestante?

ROM – Quer dizer, eu não senti. Sentia assim uma indiferença... mas pessoalmente, pessoalmente, sei que membros da minha Igreja diziam que sentiam discriminação. Eu, pessoalmente, nunca senti esta discriminação.

JAL – Enquanto protestante português da Diáspora – a viver no meio de um ambiente de língua e cultura portuguesas maioritariamente católico –, foi mais fácil viver no Canadá ou nos Estados Unidos da América?

ROM – Eu senti que é a mesma coisa, quanto à liberdade religiosa. Também senti

²O vigésimo primeiro Concílio Ecuménico foi anunciando por João XXIII (1958-1963), em 1959, mas decorreu durante o triénio 1962-1965, sendo, portanto, continuado por Paulo VI (1963-1978). Entre as remodelações mais importantes, destacam-se, por exemplo, o regresso ao uso da língua vernácula na liturgia, a liberdade religiosa (à qual se refere o nosso entrevistado), uma reorganização da estrutura eclesial e a tão desejada descentralização administrativa.

³A Companhia União Fabril (CUF) foi fundada em 1865, aquando da criação do alvará de licenciamento para a produção de sabões, velas de estearina e óleos vegetais.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

que, mesmo da parte católica, há um respeito muito grande pelo cristão evangélico. Penso que o católico apostólico romano tem mais uma certa aversão de ver os outros de uma outra religião. Eu penso que o católico americano não sente tanto esta aversão. Penso que já não tanto. Mas ainda existe um bocadinho: «És protestante e tal...»

JAL – Como vive o seu dia-a-dia em relação à sua Fé?

ROM – Vivo. Vivo plenamente a minha Fé, sem ser religioso. Respeito, respeito a convicção dos outros sob o sentido religioso. Cheguei, cheguei, portanto, nas décadas de 70 e de 80, a colaborar com uma igreja baptista pentecostal em Fall River, no Estado de Massachusetts. Cheguei a falar na televisão. É muito interessante. Uma vez, pelo Natal, falei sobre aquilo que aconteceu ... nós que temos Fé ... que tivesse acontecido, sobre o nascimento de Cristo, sobre a Virgem Maria ... e pus o ponto da Virgem Maria no lugar que nós, os Cristãos Evangélicos, pomos: que Ela casou, portanto, pela Fé, acreditamos que Jesus nasceu ainda Ela virgem mas depois Ela teve relações com o marido e teve filhos. Mas sinto respeito, um grande respeito pela mãe de Jesus, o nosso Salvador. Nós reconhecemos Jesus como nosso Salvador. E, o mais interessante, expliquei isto através de um programa de televisão no qual fui convidado especial, para ser o pregador nesse dia, e tive alguns católicos aqui de Rhode Island — onde exerci as funções de Vice-cônsul — que me disseram: «Ah, se todos os pregadores evangélicos falassem assim da Virgem, até eu era capaz de ser protestante!» Há uma certa fricção e é pena.

JAL – Como é a sua Fé em casa?

ROM – Tivemos algumas dificuldades quando nos mudámos. Nós, no princípio, estávamos ligados à igreja de língua portuguesa, mas sentimos depois dificuldades. Houve dificuldade no entendimento da língua portuguesa por parte das minhas filhas. Elas entendiam. Elas chegaram a frequentar as escolas de língua portuguesa. De qualquer maneira, neste sentido, no sentido religioso, elas sentiam que havia um bocado de dificuldade no entendimento. Portanto, começaram a ter pessoas da sua juventude ligadas às igrejas americanas, de língua inglesa. Foi por isso que passámos para a igreja de língua inglesa. Mas sempre professámos a nossa Fé evangélica. A minha filha mais velha tem um seguimento mais profundo dentro da Igreja. Também não influenciámos a escolha das nossas filhas. A minha filha mais nova — embora tenha respeito à Divindade — não frequenta a Igreja. Ela tem a sua crença em Deus, ninguém lhe pode tirar essa crença em Deus. Quando ela se quer dirigir a Deus, ela mesmo no seu quarto, na sua casa, pode fazer esta prece a Deus. Portanto, não é necessário estar na Igreja, ou ir à Igreja, para ter uma relação com Deus. Mas a minha filha mais velha, que tem sete crianças, frequenta a Igreja, trabalha no serviço da Igreja. As crianças frequentam a Escola Dominical. O meu genro também. Portanto, estamos todos ligados à Fé evangélica. O meu sogro também era pastor evangélico. O meu pai e a minha mãe também estavam ligados à Igreja. Eram membros do Coral da Igreja, com actividades dentro da Igreja. Foi assim que eu conheci a minha mulher há quase cinquenta anos. Trabalhámos juntamente. Quanto ao meu gosto pelos corais: estou envolvido num Coral que ajudei a fundar aqui em 1976, que é o Coral Herança Portuguesa. O gosto que eu tenho pelos corais, portanto, vem desde que tenho catorze anos de idade. Vem da parte da minha igreja. O meu envolvimento na Igreja foi muito útil para o trabalho que de-

sempenhei nas funções de Vice-cônsul. Nesta actividade, com a comunidade, deu-me facilidade de expressão porque, quando era um jovenzinho de dez, doze anos, os pastores da igreja pediam para eu decorar certos trechos da Bíblia, certos sermões que eles próprios faziam, que escreviam nos jornais evangélicos, e quando era a altura do Natal, havia os programas de Natal, eu era como um pequeno pregador em cima do púlpito, portanto, a dizer aquilo em pé, a declamar aquilo que eles escreviam. Mas isso deu-me um à-vontade muito grande no meu relacionamento com o auditório, com as pessoas. Portanto, foi de grande ajuda no meu campo profissional. Não só de Fé como profissional. Isto devo muito à minha crença.

JAL – O senhor dedica muito tempo à sua Igreja?

ROM – Não tanto como seria desejável. Como sabe, devido ao meu envolvimento com a comunidade, e também devido ao meu serviço de Vice-cônsul — que era o meu serviço profissional até ao ano de 2005, ano em que me aposentei —, que requeria uma ligação a todos os níveis da comunidade. E, sabe, uma situação, é que, na minha representação oficial ... e digo que tenho as melhores ligações com quem dirige a Igreja Católica, com os senhores padres, com os membros da Igreja Católica, com as Irmandades, sempre assistia a todos, todos os serviços religiosos católicos, sempre, sempre, e era convidado. E isto não era muito bem visto pelo lado da comunidade evangélica porque, vê, consideravam os Católicos como inimigos da Fé. Mas gostaria de estar mais dedicado à minha Igreja. Faço aquilo que posso.

JAL – Qual é a sua educação religiosa? Já mencionou que é membro activo da sua Igreja.

ROM – Tirei alguns cursos bíblicos. É interessante que, nos meus tempos de cristão evangélico dos princípios, quando estava em Portugal, não era necessário frequentar um Seminário Bíblico, desde que uma pessoa, o crente, tivesse vocação era convidado para servir na obra do Evangelho. De facto, uma vez o Pastor principal, que era sueco, missionário sueco, aproximou-se de mim e disse-me que eu tinha características, que eu tinha grandes possibilidades para servir no Evangelho como missionário nas nossas antigas colónias. Trabalhei voluntariamente durante muitos anos, como disse, assistia a todo o pastorado sem, de facto, nunca ter passado por nenhum Seminário. Tirei alguns cursos bíblicos.

JAL – Se não se importar, poderia descrever algumas características dogmáticas da sua Fé?

ROM – Já falei do baptismo e da Virgem Maria. Poderia mencionar a Salvação. Escolher o Caminho da Salvação. Acreditamos na Salvação. Acreditamos que, além desta vida, há uma Vida Eterna.

JAL – Há alguma diferença entre a maneira de expressar a Fé entre a sua denominação — em Portugal assim como em outros países de língua e cultura portuguesas — e a sua congénere anglófona?

ROM – Suponho que no princípio da Fé é igual. Quando se juntam, não é verdade, a expressão da Fé é idêntica.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

JAL - Os fiéis de língua e cultura portuguesas possuem características que são tipicamente portuguesas, brasileiras e/ou lusófonas, completamente diferentes da sua congénere no mundo de língua e cultura inglesas?

ROM - Talvez os Portugueses ou os Lusófonos tenham uma expressão mais viva de Fé. Quando se acredita, acredita-se mesmo e quer-se chegar muito ao Divino com uma expressão muito sentida, muito sentida.

JAL - O senhor tem algumas palavras finais para os leitores?

ROM - Gostaria que todos nos entendêssemos. Eu sei que não é fácil. Há muitas pessoas que não acreditam no ecumenismo. Mesmo dentro da minha própria Igreja. Sob o ponto de vista da base de Fé, da base escriturística, pensam que é uma coisa impossível de existir. Isto seria o ideal porque todos acreditamos no mesmo Deus. E é de facto difícil para mim compreender por que razão há tantas dissensões quando nós professamos o mesmo princípio de Fé ou aquilo que acreditamos. Portanto, o meu desejo é que houvesse um entendimento e que, de facto, houvesse uma propagação bastante grande das denominações evangélicas dentro da nossa comunidade de língua e cultura portuguesas. Sinto que sigo um princípio de aproximação ao Bem e à Verdade e aquilo que nós desejamos para este Mundo é um Mundo melhor. E, portanto, se congregarmos as nossas ideias, segundo aqueles princípios com os quais fomos educados, ... pensamos que é o princípio do Bem. Mas todos os princípios religiosos são bons. O que desejaria é que houvesse um entendimento geral para o Bem do Mundo e para a Paz no Mundo.

T E S T E M U N H O S

*Entrevista a*REV. JOHN M. AMARAL¹

JOSEPH ABRAHAM LEVI – Descreva a sua denominação religiosa.

REV. JOHN M. AMARAL, PH.D. – Nós somos evangélicos independentes e estamos ligados ao *Calvary Chapel International*, uma organização evangelística com sede na área de Washington, D.C.

JAL – A sua denominação religiosa faz parte de um grupo maior, ou seja, é um ramo de uma denominação ou confissão religiosa maior, nacional ou internacional?

Rev. JMA – Nós fazemos parte de um grupo evangélico que faz parte de uma organização que se chama *Calvary Chapel*, uma denominação internacional, com sede no Estado de Maryland, na área do Estado de Maryland.

JAL – O senhor nasceu na Fé ou converteu-se, a uma idade mais avançada?

Rev. JMA – Eu fui convertido. A nossa fé antiga era o Catolicismo. Em 1978 foi quando eu aceitei Jesus no meu coração, foi em Fall River, no Estado de Massachusetts. A vida antiga que eu levava era constituída por três partes: tomava droga, vendia droga e fazia parte de uma quadrilha, de um gang (de um bando organizado de ladrões). Um certo dia, durante a quadra de Natal, uma menina, na área do [antigo] centro comercial *Harbour Mall*, [aberto em 1971] em Fall River, teve a oportunidade de evangelizar e eu fui um deles. Estava dentro do centro comercial e naquele momento eu estava muito *high*, quer dizer intoxicado, e já tinha sido expulso daquele centro comercial. Esta menina fez-me uma pergunta: «O que você acha a respeito do Natal?» A minha resposta foi: «Nós somos Portugueses. Nós comemos, nós bebemos bem e tudo». E ela disse: «O outro lado do Natal». Aquilo deixou um pensamento dentro de mim. Eu nunca ouvi dizer que houvesse «o outro lado do Natal». Então, perguntei-lhe: «Qual é o outro lado do Natal?». E ela respondeu: «O outro lado do Natal é o menino que nasceu». Eu disse-lhe: «Poderia explicar-me isso melhor?» E ela continuou, dando-me a explicação. Naquele momento... eu estava no meio do centro comercial... e encontrei-me com a cabeça inclinada e aceitei Jesus no meu coração. Ali foi aquilo que nós chamamos «a semente plantada». Em Março, a 25 de Março, os meus pais faziam 25 anos de casados, e eu prometi-lhes que ia com eles para a Igreja. Naquela noite o pastor pregou e houve uma coisa. Pensei: «Como é que este homem está falando a respeito da minha vida se ele não conhece a minha vida?» Mas eu acho que no meio daquilo tudo Jesus estava falando e naquele momento alguma coisa aconteceu. Eu senti que verdadeiramente algo me tinha tocado. Encontrei-me no altar. No altar estava chorando. Eu disse ao Pastor: «Eu sou português, eu sou homem, eu não

¹Senior Pastor, *Christian Assembly Church*, Seekonk, Massachusetts.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

posso chorar». Então, era uma vergonha. Eu estava chorando no altar. A primeira vez na igreja: cabeludo, meio bandido... o povo estava olhando para mim, a dizer/pensar: «Olha aquele bandido, Jesus! Olha, que aquele ali não venha para a nossa Igreja! Vai para outra, não venhas para a nossa! Isto é uma vergonha!». Mas daquele dia em diante eu falei para o Pastor e disse-lhe: «Pastor, quando é que o Pastor tem «missa» na Igreja?». Nós não dizemos «missa», nós dizemos «culto» [culto de adoração ao Senhor], mas naqueles dias eu não entendia, não sabia. O Pastor disse: «Tem na terça, tem na quinta, na sexta, no sábado e no domingo». E eu disse: «Oh, mas vocês têm muitas «missas», não é!» Então, eu comecei a frequentar a Igreja. Mas a minha vida estava mudando vagarosamente. Estou a lembrar-me de um dia que, trabalhando, eu disse: «Jesus, eu preciso de uma libertação». Isto porque não conseguia deixar a droga. Um dia fui para a praia e lá, na praia onde eu estava desde manhã, pelas 17h30, com gritos grandes, eu dizia: «Jesus, eu preciso de ajuda e preciso de sair desta vida que eu levo». E, naquele momento, quando eu voltei, voltei para o trabalho, saía de lá, depois de orar ia para o trabalho. Todos os dias eu orava: às 9h00, às 11h00 e, às vezes, às 14h00, às 14h30, sozinho, dentro do quarto de banho. Mas o programa que conhecia antes..., então, quando eu ia lá para orar, ninguém entrava, todo o mundo ficava com medo. Conheciam a minha vida antes e depois. E, naquela hora, quando eu estava lá orando – tinha acabado de tomar droga –, uma coisa aconteceu. Nada aconteceu com a droga. Eu disse: «Talvez a droga tenha sido fraca». Então comecei a ver que Deus não deixou que a droga tivesse uma mínima fortuna na minha vida. E eu senti aquela libertação, daquele dia em diante. Então, mais tarde, comecei a sentir o chamamento para o Ministério. Mas uma coisa sim. Eu sentia aquela libertação. Mas eu levava o mesmo tipo de vida. Mas, devagar, aquilo que eu fazia antes, já não tinha grande prazer na minha vida. Eu não tinha o prazer de fazer aquilo que fazia na minha vida antes porque eu senti que Deus tinha feito alguma coisa. Eu tinha então dezoito anos.

JAL – E os pais, também se converteram?

Rev. JMA – Naquele dia, quando nós estávamos lá, o meu pai já era convertido, mas a minha mãe não. A minha mãe veio de uma família supercatólica, com quatro padres em São Miguel. Do lado dela, da minha tia, ainda tenho o Padre Manuel. Estive com ele há cinco meses. Tivemos uma pequena palestra em São Miguel. A minha mãe não se converteu naquela hora mas o meu pai converteu-se. E também os meus irmãos começaram a ir para a Igreja. Mas a minha mãe convenceu a tirá-los da Igreja Evangélica. Agora, a minha irmã mais nova foi convertida há sete anos. Mas o resto continua na Igreja Católica. Eu fui o segundo a ser convertido. O primeiro foi o meu pai.

JAL – A conversão do seu pai teve alguma influência na sua escolha religiosa?

Rev. JMA – Muita. Por exemplo, o meu pai, podemos dizer que foi o meu herói. Porque posso lembrar-me de ouvir as orações do meu pai – o nosso quarto era em cima –, eu ouvia as orações do meu pai, lá em baixo, e ouvia a sua voz dizendo: «Tem misericórdia do meu filho! Tem misericórdia do meu filho!». Via-o chorar algumas vezes. Mas o meu pai não sabia exactamente a vida que eu levava. Só quando um dia, o dia do meu baptismo, o Pastor da Igreja teve a oportunidade de chamar o povo para a frente e eu dei o meu testemunho. E então, naquela hora, quando eu dei o meu testemunho, é que o meu pai soube o tipo de vida que eu levava. Lembro-me de, certa vez, ter colocado fogo numa loja, de uma certa pessoa, que tinha prejudicado no... [na ge-

lataria], quando eu vim para a América, que tinha roubado um sorvete [gelado]. E, então, ele me apanhou roubando o sorvete. Eu escondi o sorvete. Naquela hora o sorvete derreteu. E quando derreteu, eu fiquei todo molhado. E ele disse: «Vou chamar o teu pai». Humilhou-me. Aquilo ficou no coração, sabe. Quando eu cresci, eu disse para mim: «Você um dia vai me-pagar!» Então, todos os anos, pelo Natal, nós íamos lá e quebrávamos as janelas, os vidros, as portas. Naquele dia colocámos fogo na loja. Naquela noite, eu estava dando testemunho. Eu disse: «Olhem, isto é aquilo que eu fazia. O meu tipo de vida era isto. Estou a lembrar-me de quando eu coloquei fogo nesta loja». E estava ali o chefe dos Bombeiros dentro da Igreja. E, então, o Pastor Joel disse: «Esta nós vamos apagar», porque o chefe dos Bombeiros estava ali e isto podia prejudicar-me. E, então, foi ali que o meu pai conheceu a vida que eu levava. Várias, várias vezes estou a lembrar, quando eu entrava em casa, bêbedo, drogado, eu ficava na porta e chorava e dizia: «Deus, por que é que eu sou assim? Por que sou assim? Eu tenho um bom pai, tenho uma boa mãe, mas por que é que eu sou assim? Por que eu sou esta pessoa? Porque sou assim?» E, claro, quem sabe, Deus ouviu naquele momento que eu queria uma saída. E Jesus foi aquela saída. O meu pai foi o primeiro. Ele é o meu herói. Ele foi para a Igreja. Andou comigo. Fizemos campanhas de tenda². O meu pai sempre ao meu lado. Mas os meus ouvidos ainda têm a voz do meu pai: «Misericórdia do meu filho! Deus abençoa o meu filho!»

JAL – O seu pai converteu-se aqui, nos Estados Unidos, ou nos Açores?

Rev. JMA – O meu pai converteu-se em 1977 aqui, na América. Foi numa das igrejinhas que naquele tempo estavam na *Cherry Street* e também na *Lincoln Avenue*. Então, foi um dos primeiros, não é? Isto em Fall River, no Estado de Massachusetts.

JAL – Na sua opinião, é possível ser ao mesmo tempo não-católico, no seu caso evangélico, e português/lusófono?

Rev. JMA – Sim. Exactamente. Aquilo que nós entendemos, dentro do nosso meio – como nós tínhamos falado antes –, é que é muito difícil separar Catolicismo e Português, o mesmo acontece com os Judeus. A pessoa nasceu judia, já nasce com a sua «religião». Na realidade, já nasce com a sua «herança». Então, o Catolicismo, como nós o entendemos aqui, quando uma pessoa nasce, já se encontra naquela herança: ela está honrando aquilo que os pais são. E, se a pessoa sai... Agora, na América, é diferente, por causa da terceira geração. A terceira geração já está saindo fora da sua «raiz» [cultural]; mas a segunda [geração] ainda tem. Mas o português é muito difícil de tirar da sua entidade e identidade. As duas são uma. Isso é inseparável.

JAL – Conhece alguns lusófonos não-católicos que são de uma outra denominação religiosa além da sua?

Rev. JMA – Nós estamos aqui... Se nós usássemos só pessoas das ilhas (de São Miguel) e algumas lá do Continente, poderíamos dizer que temos no nosso meio mil evangélicos. Se jogássemos todos juntos, porque não estão somente em igrejas evangélicas de língua portuguesa, mas estão espalhados. Por exemplo, eu pertença a uma organi-

² Campanha de tenda: a fim de evangelizar uma determinada cidade, bairro ou aldeia, muitas denominações protestantes passam alguns dias, geralmente uma semana, a ter serviços religiosos em tendas montadas ao ar livre, com a esperança de despertar a curiosidade das pessoas e, através desta, ter a oportunidade de falar da Boa Nova, do Evangelho e, obviamente, da Salvação.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

zação — a *New England Christian Coalition* — com quase, mais ou menos, quarenta pastores e, dentro das igrejas deles, alguns têm até quinze por cento de língua portuguesa e são da segunda ou da terceira geração. E, dentro de cada um deles, cada igreja tem alguns continentais e açorianos. Mas, normalmente, por causa dos filhos, eles procuram uma igreja evangélica americana [anglófona] para que os filhos possam crescer dentro daquela igreja. Agora, nós — eu e outros pastores que nós temos — de língua portuguesa, não do Padrão Brasileiro, mas sim, do Padrão Português de Portugal, cada igreja tem mais ou menos cinquenta, sessenta que são da primeira geração. E, desta primeira geração, o mais jovem que está na Igreja tem mais ou menos sessenta anos. Então, uma das coisas, que nós temos visto, eu acho que é um milagre é, às vezes, uma pessoa idosa de sessenta e cinco, setenta anos «converter-se», quer dizer, sair da religiosidade, do Catolicismo, para o Evangélico [Protestantismo]. E, dentro do Catolicismo, ainda não se entende a diferença entre denominações: identificando a gente como «Protestantes». Então, somos inseparáveis. E, dentro do Catolicismo, existe também o problema de não saberem identificar o Mormonismo. Então, nós, que somos Evangélicos, estamos incluídos no mesmo «pacote». Assim, quando vamos evangelizar somos identificados: «Aquele é Testemunha de Jeová! Aquele é de outra “seita”». Então, nós temos de replicar: «Olha, nós somos iguais a vocês, Católicos, na parte dos Pilares da nossa Doutrina. Mas existe uma grande diferença. Então, nós temos de nos identificar primeiro, dizer quem somos, para mostrar que não somos Testemunhas de Jeová, Mórmones ou outra «seita» [heterodoxa, não-católica] que está por aí fora. Mas dentro do nosso... estamos aí, de língua portuguesa, nós temos a primeira e a segunda geração, mais ou menos uns mil evangélicos, e outros que ainda não se identificaram, porque nós recebemos muitos telefonemas. Temos muitos aqui. Telefonemas para saber mais sobre o nosso programa de televisão e programa de rádio. O senhor depois vai ver como é que eles se identificam connosco. Por exemplo, eu já tive a oportunidade de participar em bons debates com padres a respeito do Evangelho. E até no meio deles nós somos muito respeitados. Aliás, somos mais respeitados pelos Católicos do que pelos Evangélicos. Somos muito respeitados por eles.

JAL - Qual é a relação com os outros grupos protestantes da área, como, por exemplo, os Presbiterianos, os Metodistas e os Baptistas?

Rev. JMA - Por exemplo, no nosso meio, você não vai encontrar presbiterianos de língua portuguesa, mas vai encontrar presbiterianos brasileiros, que existem na área de Fall River e outros lugares no Estado de Massachusetts. Agora, presbiterianos de língua portuguesa é difícil de encontrar. Baptistas, sim, nós vamos encontrar alguns baptistas de língua portuguesa, mas a única, a única de língua portuguesa, é a Igreja do Pastor Carlos Pereira, na área de Fall River. Também há uma igreja baptista na área de New Bedford, sempre no Estado de Massachusetts. Mas este grupinho, talvez com sete ou, no máximo, com quinze pessoas. O resto, as igrejas estão diminuindo. Porquê? Porque esta geração teve uma falha, uma falha muito grande: quando (supomos que eram baptistas) esqueceram que iam ter filhos, netos e bisnetos. E, então, o que aconteceu foi que estes cristãos — era um grupo muito grande, umas trezentas pessoas, principalmente na área de New Bedford e na área de Fall River — também naquele tempo havia a Primeira Igreja Baptista e depois houve uma outra igreja baptista. Foi um bom grupo de Baptistas. Mas, quando os filhos cresceram, eles não tinham nada de língua inglesa para eles, que era a sua primeira língua, enquanto o Português era a

TESTEMUNHO – ENTREVISTA A REV. JOHN M. AMARAL, PH.D

segunda língua. Então, aconteceu que eles começaram a procurar outras igrejas [evangélicas]. E, então, eles também casaram, estes filhos, mas não trouxeram [foram] para a igreja dos pais, ficaram lá... Então, aquela geração que, supomos, estava na igreja com vinte anos, cuja primeira língua era o Português, e a segunda língua era o Inglês... Então, eles casaram. Ficaram ali. Chegaram aos sessenta, aos setenta, morreram. E, então, foi diminuindo... O que nós fizemos aqui foi a primeira língua, a língua portuguesa, mas tivemos de fazer o seguinte: eles têm filhos, netos e bisnetos. Então, vamos criar o culto de língua inglesa para que os filhos fiquem aqui conosco. Então, outra coisa que também acontece, que é muito importante, é que, no meio evangélico – suponhamos, por exemplo, os Baptistas –, o povo de língua portuguesa, que é açoriano e português do Continente, normalmente tem dificuldade em convidar outro para vir. Porquê? Porque se ele vai convidar um, tem de ser católico. E, então, o católico tem raiz, ele não se vai desenraizar para enraizar em um outro lugar. Por isso, o Português – açoriano e continental – faz o crente, ou o evangélico, muito forte, porquê? Porque de onde ele sai, ele enraíza. E, às vezes, ele tem a mesma particularidade do Judeu: aonde vai, vai, enraíza e vai estabelecer tudo à volta do Templo. A mesma coisa com os Católicos: naquele tempo, quando eles vieram para a América, vinham, enraizavam e era tudo em redor da Congregação. Agora, para sair do Catolicismo e ser evangélico, aí que é uma maldição. O católico é excomungado. É excluído. Então, é por isso que o Evangelho em língua portuguesa continua diminuindo. Cada ano, você vai vendo: a primeira geração com oitenta anos... vai depois encontrar a pessoa com cinquenta, sessenta anos. Mas, de vez em quando, vem alguém visitar, com sessenta e cinco, setenta anos. E aí é convertido. Mas, quando ele volta para casa, coitado, é massacrado. Dentro do [mundo] anglicano, também, é muito difícil. Você vai ver alguns portugueses espalhados mas não com a sua própria igreja [evangélica].

JAL – É difícil viver a sua Fé no meio de tantos lusófonos católicos?

Rev. JMA – Nós poderíamos dizer que, na realidade, é difícil. Mas também podemos dizer que é uma honra. E, dentro do meio americano, não é difícil porque, em si, o americano tem uma cultura, mas, na realidade, não tem culturas. Ele, o americano, é feito de culturas, mas não tem a sua. Mas, para os nossos portugueses, na área de Pawtucket, no estado de Rhode Island, ou Fall River e outros lugares... ainda ontem estava almoçando com a minha filha, na *Tabacaria Açoriana*, o Alves não estava lá mas o outro estava lá e disse: «Olha, lembra-se, aquele senhor é um padre». Estava dizendo que eu era um padre. Então, para eles, eu sou um padre «protestante». Mas, para mim, do outro lado, é uma honra, eles conhecem-me e sabem quem eu sou. E, para muitos é difícil porque, às vezes, não sabem viver a sua Fé no meio dum Povo. E, às vezes, eles agem com força, tentando que o povo engula aquilo que eles dizem em vez de darem um testemunho. Às vezes pode ser muito difícil. Pode ser porque nós somos um grupo muito pequeno.

JAL – Na sua opinião, é mais fácil viver o Protestantismo aqui, nos Estados Unidos ou em Portugal, no seu caso, nos Açores?

Rev. JMA – Para dizer a verdade, para mim tem sido muito mais fácil aqui, nos Estados Unidos. Muito mais fácil. Lá em São Miguel, ou nos Açores em geral, há um povo que diz que é católico mas, em si, nem sabe por que que é católico. E, então, quando

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

nós nos apresentamos, a primeira «doença» que nós enfrentamos nos Açores é a «doença» da ignorância. E a ignorância hoje em dia é difícil. Então, nós temos de mostrar como tratamos o trabalho lá em Rabo do Peixe, em São Miguel. Nós entramos com a educação, com um programa social. E dentro do programa social apresentamos literatura. E dentro da literatura apresentamos Jesus. Este é um programa muito bom que está sendo apresentado. Mas, para nós, Evangélicos, temos uma das maiores oportunidades no século para apresentar o Evangelho, através de programas sociais e literatura. Porquê? Porque a própria geração dos católicos lá, em si, o Catolicismo é somente um nome, já não tem raízes porque já chegou para eles a segunda e terceira geração. É, por isso, que as igrejas católicas hoje em dia estão muito vazias nos Açores. E esta é a nossa oportunidade. Por isso, é que nós estamos trabalhando lá, evangelizando, trazendo... Estamos fazendo campanhas [de evangelização] lá. E também estamos [construindo] uma igreja. Mas, o Catolicismo, em si, também lá existe. Existe uma pequena perseguição ou abandono que estamos vendo quando nós chegamos lá, quando você diz que é, por xemplo, evangélico: «Oh, é protestante!». E, então, nós temos as maiores dificuldades em encontrar lugares porque somos «protestantes». Mas ainda que eles não estejam enraizados no Catolicismo... uma grande ignorância... para eles é cultura: «Mas [o Catolicismo] é a minha cultura». Então, é por isso que o Catolicismo é Cultura e a Cultura [Portuguesa/Lusófona] é o Catolicismo, na base da língua portuguesa.

JAL - Não é dogma. Nem conhecem o Catolicismo. Não vão à Escola Dominical...

Rev. JMA - Exactamente. Não é dogma. Nem conhecem a sua própria religião. Eu estive com o Padre Manuel de Sousa, quando eu estava lá... ele fez-me a pergunta: «O que você acha a respeito do Papa quando ele morreu e deu a sua grande palestra à juventude... a respeito da moralidade?». Eu disse: «Olha, eu acho que o Papa fez uma boa palestra, mas há um problema aqui: se o Papa tem de dar uma palestra sobre a moralidade ou a moral do católico, o problema está em que os próprios padres já deixaram de ser o exemplo. E quando o Ministro [de Deus] tem de ser o exemplo e tem de trazer a moral para a juventude, é porque os próprios pais abandonaram a sua Fé, não importa se é católico, evangélico ou protestante. Porque a moral deve ser ensinada em casa e trazida para a Igreja. Quando a moral é perdida, a Igreja perdeu». Então, ele ficou com os olhos... e não soube falar. Porque existe agora muita falta de padres em São Miguel. Eles estão morrendo. Então, este tem sido um dos problemas e para nós existe uma falta de reconhecimento para com o evangélico lá em São Miguel. E nós temos esta dificuldade. E, então, têm de ser pessoas com nome, infelizmente... Se você chegar e disser: «Olhe, eu sou Pastor...». Ah, já vai então aquela bandeira vermelha. Você chega e diz: «Eu sou doutor [médico]», eles respondem: «Oh, entre!» Então, aí, tem de se entrar com certo nome, e depois fazer uma pequena apresentação e depois da apresentação eles vão dizer: «Ah, mas você é protestante...». E, então, «Eu sou psicólogo, sou isto, sou aquilo...» Mas eles continuam: «Mas você é... [protestante]!» Então, aí já houve um problema. Nós entramos com uma outra identidade mas, para mim, a minha Fé, aquilo que eu sou, é inseparável. Existe uma pequena perseguição, ainda hoje em dia. Mas é ignorância, no entanto, eu creio que a terceira ou a quarta geração vai quebrar isto.

JAL – Foi discriminado pelo facto de ser protestante?

Rev. JMA – Sim. Fui muito discriminado. Por exemplo, nós temos um dos nossos pastores lá, que é muito bom, é um bom Pastor, está fazendo um grande trabalho, mas, como ele é pastor evangélico, ainda não lhe deram o registo que é necessário para ele morar em São Miguel. Estamos esperando, esperando, esperando. E, então, ali está naquela espera porque disse que era pastor evangélico. E tenho uma pessoa lá que já tentou trabalhar com alguém lá em Portugal, para ver como lhe podiam dar uma «aberta», abrir-lhe uma porta, para ele ter progresso na sua estadia em São Miguel. Então, ele tem de sair, várias vezes, porque... a discriminação ainda é grande contra alguns pastores que nós temos lá.

JAL – Foi difícil criar os seus filhos na Fé?

Rev. JMA – Na realidade, uma delas... para dizer a verdade, eu nunca preguei com os meus filhos, nunca. Também outra coisa que eu nunca fiz, que um pastor nunca deve fazer, é ser pastor na sua casa. Primeiro ele deve ser pai. Não usar a Bíblia para dizer: «Olha, a Bíblia diz assim, assim, assim...». Eu fui sempre transparente com eles. Três coisas que eu mostrei aos meus filhos: «primeiro, quero que vocês saibam que eu sou homem; segundo, quero que vocês saibam que eu sou pecador; terceiro, quero que vocês saibam que eu sou um pecador resgatado, perdoado por Jesus; eu vou cometer muitos erros.» Várias vezes eu tive de pedir perdão aos meus filhos. Tenho duas filhas e um neto. A primeira filha, a Gina (Regina), nasceu no Texas, e a Cristal nasceu no Brasil. A Regina vai graduar-se agora pela *Bridgewater State University*, em Bridgewater, no Estado de Massachusetts. Ela teve que aceitar Jesus no seu coração por si mesma. Eu queria ser o melhor e maior exemplo, dum homem, com problemas, com dificuldades. Então, às vezes era difícil porque eu mostrava a minha humanidade, aquilo que eu era, o meu fracasso. E depois eu tinha que ir pregar e ela tinha de sentar e ouvir.

JAL – Como vive o seu dia-a-dia em relação à sua Fé?

Rev. JMA – Por exemplo, no nosso dia-a-dia, se é segunda-feira, acordamos e reflectimos o nosso pensamento ao Senhor, dizendo: «Oh, estou vivo mais um dia!». Normalmente, ainda na segunda-feira, dou palestra na escola até ao meio-dia. Depois do meio-dia chegamos aqui, temos o *Daycare* [Infantário]. Falo com a administradora, vejo aquilo que ela faz e depois, como eu estou acabando as minhas teses, nós entramos nas teses com a secretária. À tardinha, pelas 16h00, 16h30-17h00 entramos para fazer um programa de televisão, que vai para o canal de língua portuguesa, e, mais ou menos pelas 19h00, fazemos um programa em inglês que vai para o PAX TV, um canal independente na televisão por cabo, programa emitido ao domingo de manhã. Depois, à terça-feira, como hoje, temos oração na Igreja. Por volta das 10h30-11h00 acabamos, falamos com a secretária novamente e depois entramos no nosso estudo. Depois, à tardinha, começamos a fazer outros programas, que nós temos, que vão para a *Interconnect* em Fall River, Pawtucket, Seekonk. Temos mais ou menos oito canais e muito do meu tempo, mais ou menos quinze, vinte horas, é preenchido a fazer programas de televisão e outros de rádio. Também à quarta-feira nós temos um programa que vai para São Miguel através da Internet. Mas na frequência 98.00 FM, só na área de New Bedford. Nós estamos lá duas horas por dia. O Pastor Gabriel está também connosco. Na quarta-feira dou aulas de novo. Acabo ao meio-dia, tenho um almoço rápido. Fa-

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

zemos o programa até às 15h00. Acabamos o programa, corremos para aqui. Às vezes, se a esposa não briga comigo, temos o culto à noite. O estudo bíblico é das 19h00 em diante. Agora, como eu dou muito aconselhamento, às vezes, tenho de mudar a minha rotina e faço mais ou menos quinze horas por semana de aconselhamento, aconselhamento em três áreas: Aconselhamento Pastoral, às vezes, mas a maioria prende-se com jovens drogados, às vezes meninas com problemas, e também com questões do casamento, e este último tem sido o maior. São quinze horas por semana de aconselhamento. Então, normalmente, quinta-feira é reservada para isso. Se eu não tenho [nada], se a secretária não tem [nada marcado para mim] naquele dia, então eu reservo este dia para a esposa, para a família, ou pego na segunda-feira e coloco [tempo livre] para a família. Na sexta-feira, a mesma rotina: vimos aqui, então a preparação já começa às vezes na terça-feira: o que é que eu vou pregar ou não vou pregar. Mas todos os sábados eu trabalho na penitenciária. Com os presos dou palestras, conversas. Então, nós temos um bom, bom ministério na penitenciária na área de New Bedford, muito conhecido pelo xerife [comissário]. Eu tenho a autorização para ir a qualquer cadeia, qualquer penitenciária na área de Massachusetts. Somos muito conhecidos. Além disso também sou Capelão internacional, não somente aqui mas também no Brasil. E, se houver algum desastre, nós somos chamados para ir assistir as pessoas durante estes momentos. Dentro da parte de Capelão... podemos assistir as áreas atingidas pelos desastres naturais... porque nós somos conhecidos. No sábado passo o dia aqui, em meditação, refrescando a mensagem para no domingo trazer a mensagem e alguém dizer: «Pastor, não gostei».

JAL - Qual é a sua educação religiosa?

Rev. JMA – Em 1978 foi quando eu aceitei Jesus no meu coração. Em 1980 foi quando eu me casei. Seis meses depois – porque tinha um bom emprego, possuíamos um bom dinheiro – tive a oportunidade de ir para o *East Texas Bible College*, em Longview, no Texas, e lá tirei o Curso para Ministro. Quatro anos, nós fizemos em dois anos e meio, porque fomos durante o dia e também durante a noite. Em 1982-1983, na nossa graduação, viemos para aqui. Em 1994, no *Christian Bible College and Seminary*, em Independence, no Estado do Missúri, tive a oportunidade de tirar a minha Licenciatura e depois em 199... agora já estou esquecido, também do mesmo seminário que nós tivemos o Mestrado e agora também estou acabando o meu Doutorado pelo *Omega Bible Institute and Seminary*, nas Carolinas³, que é também em Ministério, também do *Suffield University*, que foi o Doutorado para ser Conselheiro. E este foi agora, em 2006.

JAL - Onde trabalha?

Rev. JMA – O meu trabalho é aqui, na Igreja, mas também sou professor de Psicologia e Ética no *New England Christian Academy*, em Swansea, no Estado de Massachusetts. Já estou lá há cinco anos mas este vai ser o último ano porque não tenho tempo, como você pode ver. Nós temos trabalhos na Índia – muito bom, muito bom trabalho –, para dizer a verdade, o Pastor deste Ministério que vai vir aqui ao meio-dia... nós vamos lá todos os anos para evangelizar e fazer campanhas e palestras. Temos um bom trabalho no Brasil, com sete igrejas que nos pertencem, e duas delas

³ Os quartéis-generais do *Omega Bible Institute and Seminary* encontram-se em Monroe, no Luisiana.

são do meu tempo: fui missionário lá, de 1985-1987. Criámos um Instituto, e eles agora são pastores, com boas igrejas, com mais de mil pessoas. Temos igrejas em São Paulo, em Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, e a outra em Brasília. Temos dois trabalhos no Haiti com duas igrejas muito boas e duas escolas. As escolas com mais de quatrocentos alunos. Este é o nosso trabalho. No México estamos levantando uma igreja mas a igreja agora está por baixo da tenda que nós lhes enviámos. Temos outros trabalhos aqui: já abrimos mais de doze igrejas na Nova Inglaterra. Do Novo Hampshire até ao Cabo Cod, no Estado de Massachusetts. Temos uma igreja em Providence que é a *Assembleia Cristã Haitiana*. Antes faziam parte da nossa Igreja, mas agora têm o seu próprio lugar de adoração. O nosso trabalho tem sido muito bom. Também ajudamos os outros ministérios que vão para vários lugares. Dentro da nossa Igreja temos três pastores: o Pastor Presidente, o Pastor Assistente e o Pastor Associado. O nosso tempo aqui tem sido abençoado por Deus. O Pastor Gabriel, a sua igreja, foi uma igreja que nós abrimos. Naquele tempo colocámos um pastor lá e depois dele sair, ele ficou com a obra. Em Dartmouth, no Estado de Massachusetts, também tenho um muito bom trabalho. E o novo trabalho, um bom trabalho, temos lá, nos Açores. E estamos com a Índia. Tive a oportunidade de ir após o Tsunami. Fomos lá para as Ilhas Andaman⁴ para distribuir comida e administrar... As conferências às quais eu vou todos os anos — este ano não fui, enviei o Pastor Floriano E. Pereira, Pastor Assistente da nossa Igreja, para ele ver como é — têm mais de mil e cem pastores com mais de vinte mil pessoas que vêm todas as noites para ouvir o Evangelho. Este pastor que está agora, que é o trabalho dele, que é o *Manna Ministries*, ele está ainda agora para lá, e nós estamos associados com a igreja lá [na Índia] e ele é o meu Pastor Associado. Então, é um trabalho muito, muito bom. Já está lá há cinquenta e poucos anos, naquele trabalho. Ele é formidável. Eles têm escolas, seminários, têm colégio, têm universidade, não dá para entender. É um trabalho muito, muito grande. E um dos pastores de lá agora foi assassinado — a história encontra-se na revista *The Martyrs* —, colocaram ácido de bateria pela boca e ficou todo queimado. A perseguição lá é terrível. Mesmo terrível. Eu estive lá e víamos à nossa frente como os muçulmanos maltratavam os evangélicos: queimando as igrejas, roubando as igrejas, tirando a propriedade.

JAL – Por que escolheu esta profissão? Por que quis ser Pastor?

Rev. JMA – É interessante. Este colega trabalhou comigo e disse: «Mas você era isto, isto e aquilo». Na verdade, sim, eu escolhi. A escolha, na nossa forma, foi dizer sim ao chamamento. Quando dizem: «*But John, you are a Pastor! I can't believe it! Não acredito!*», eu digo: «*Yes, me too!* Eu não acredito que eu sou quem sou!» Tudo vem com aquela parte de entender, é muito difícil de entender o chamamento. Mas, mais tarde, você começa a ver que, por dentro deste chamamento e obediência ao chamamento, você começa a ver sair frutos daquela obediência. Um deles é que nós temos um «*burden*», aquele «peso» dentro de nós que diz: «Por que é que eu estou fazendo isto?» E, de repente, alguém vem e diz: «Olha, *I'm glad*, eu estou contente, você tocou, você disse, você tocou na minha vida». Você começa a ver vidas transformadas, através do teu chamamento. E dentro deste chamamento, às vezes há uns sacrifícios. Por exemplo, na minha saída, quando eu disse: «Olha, eu vou para o Seminário, eu vou para a escola,

⁴ As Ilhas Andaman e Nicobar, no Oceano Índico, são território da União Indiana.

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

eu vou para a Universidade», a minha família disse: «Você é louco, você tem uma vida boa, você está ganhando bom dinheiro, você é gerente numa fábrica. Você vai deixar tudo isto?». Então, nós valorizamos o chamamento, aí, não existem preços dentro do valor que você dá. Um casal, em 1980, um casal, novos, casados, casados há pouco tempo, leva para o Seminário mais de vinte mil dólares, era dinheiro naquele tempo. Nós estávamos bem. Mas a alegria de ver os outros transformados pelo seu sacrifício. Portanto, eu sei, com toda a certeza, que o chamamento veio de Deus, mas a decisão foi minha, sim. Eu estou vendo, dentro deste chamamento, o impossível de eu, um ser humano, fazer, viver aquilo que eu estou vendo aqui, na minha frente, que não veio de mim, mas que Deus está usando um ser humano, não é para fazer aquilo que está fazendo. Como Golda Meir (1898-1978): naquele tempo ela não entendia como é que ela, sendo uma mulher, sendo aquele ser humano, aquele vaso, podia fazer o impossível que outra pessoa não pode fazer, para que Deus fosse glorificado e não a pessoa.

JAL – É difícil ser esposo, pai e pastor ao mesmo tempo?

Rev. JMA – Muito difícil. Muito difícil. É difícil porque o chamamento pastorado é vinte quatro horas por dia, sete dias por semana. Às vezes a esposa fica atrás, os filhos ficam atrás. Você sente aquele desejo de estar com a esposa, de estar com os filhos. E o Ministério chama. É difícil. Se não fosse pelo chamamento a pessoa abandonaria. O que não é do chamamento é muito fácil de abandonar. Como pai, se eu pudesse fazer alguma coisa diferente, faria. Faria muitas coisas diferentemente. Como jovem, no Ministério, uma coisa de que eu necessitei, e não tive, foi, por exemplo, um mentor, uma pessoa que pudesse *discipular* a minha vida para não fazer certos erros. Então, às vezes, eu colocava as coisas de Deus acima da família, e, na realidade, não é tanto as coisas de Deus. Não sabia dividir o meu tempo. Mas é difícil.

JAL – O Senhor escreve os seus sermões ou são uma inspiração que vem... dez minutos antes?

Rev. JMA – Às vezes é o chamado «pensamento». O primeiro é o pensamento, o segundo é a necessidade que nós vemos dentro do nosso Povo. E, então, procuramos dentro da Bíblia ou, às vezes, em outros livros, outros pregadores, aquilo que eles têm dito a respeito daquele assunto, como agora no *Código Da Vinci*. Ensinar o nosso Povo a respeito daquilo. Vem mais do pensamento. Outras vezes, quando penso ter um sermão maravilhoso, ninguém diz nada. Outra vez, vem um pensamento, ponho o sermão de lado, e falamos sobre aquela palestra e os fiéis dizem: «*I really missed it today.*» E alguém diz: «*Oh, that was good, Pastor!*». Mas vem mais do pensamento. Ou da necessidade do nosso Povo.

JAL – Se não se importar, poderia descrever algumas características dogmáticas da sua Fé, da sua denominação? Como definiria o dogma da sua Igreja?

Rev. JMA – Uma delas, por exemplo, é constituída pelos Pilares da nossa Fé, daquilo que nós cremos. Dentro da nossa Igreja, nós tentamos estabelecer uma coisa importante, que é a chamada «Doutrina». Onde vamos buscar esta doutrina? Uma das nossas características é que nós buscamos parte da nossa doutrina nos nossos antigos da Fé. Nós olhamos para aqueles que trouxeram esta «nova religião» [a Reforma], como, por exemplo, Martinho Lutero (1483-1546), Jean Calvin (1509-1564), Jan (João)

Huss (1369-1415), John Wycliffe (1324-1384)... todos estes [pastores] que nós temos agora tiraram alguma coisa deles. Um dos Pilares da nossa Fé, aquilo em que nós acreditamos é na parte da Trindade de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Porque nós cremos... que são três personagens, mas não entendemos como é. Não vamos mencionar o Monoteísmo. Vamos usar o essencial das três pessoas. Cremos que Jesus é a única [pessoa] e que é muito importante que não exista uma outra pessoa além d'Ele, que Ele é o único Messias. Isto para nós é uma doutrina muito importante. Nós cremos na Salvação que vem somente através d'Ele e não através da Igreja, para não dizer que você tem de pertencer a uma «seita» e esta seita pertencer a Jesus. Não. Uma pessoa pode ser salva fora da Igreja porque não é que a Igreja que salva. Isto é essencial para nós. Outro aspecto é o relacionamento dos Fiéis, porque a Igreja é uma Comunidade. Então, o essencial desta Comunidade é saber o que é que ela é, qual é a sua identidade, qual é a sua entidade. Dentro do nosso essencial, a Igreja em si, é uma Comunidade. Então, de onde nós tiramos esta Comunidade? De onde vem o Comunismo? Antigamente, no tempo de Calvin e dos outros, eles queriam fazer tudo «em comum». Então, o Comunismo vem dos Protestantes, mas foi levado para o extremo. Mas é tudo «em comum». A Igreja em si é parte muito importante da Comunidade. Como eu estava falando: ela não crê porque o Pastor disse que era assim, ela crê porque a nossa Doutrina obriga a pessoa a ir procurar conforme o Evangelho: João 5:29 em diante: «Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou». [João 5:29]. «Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam» [João 5:39]. Então, uma pessoa tem de examinar as Escrituras. Assim, o essencial da nossa Igreja é isto: ensinar ao Povo a parte importante da pessoa e procurar por si mesmo. Isto é uma coisa muito importante dentro da nossa Igreja. Agora, dentro daquilo que nós somos, temos um ramo carismático, às vezes chamado Pentecostal. Portanto, há os dois. Mas existe uma grande diferença entre o Carismático e o Pentecostal. Nós somos diferentes dos Carismáticos. Os Carismáticos têm a sua própria linha e a sua própria Fé: é a Doutrina da Fé. Eles são a minha Gente. São Povo Evangélico que nos conhece. Chamam--nos «Baptistcostal» [Baptistas Pentecostais] porque a nossa Doutrina é mais evangélica do que Pentecostal. O que nós cremos... e temos a expressão dos dons do Espírito Santo. Mas temos o fundamento muito importante baseado na Bíblia Sagrada. Agora, quando o Povo vem à nossa Igreja, não sabe se nós somos Baptistas ou Pentecostais. A nossa Doutrina vem da Doutrina antiga do lado nazareno, da antiga doutrina da Santificação, quer dizer, levando uma vida santificada, com moral, carácter — temos três ordens na nossa Igreja que são muito importantes: a Primeira, que é o estabelecimento do Carácter da pessoa; a Segunda, que é a Integridade da pessoa; e, a Terceira, é a Honestidade da pessoa. O Cristianismo deve criar três essenciais na vida de uma pessoa e são estes. Agora, ao nível da nossa Convivência com os Carismáticos vem, com São Paulo⁵, a Doutrina da Fé que entrou no «extremismo», o chamado «sensacionalismo», quer dizer, têm de mostrar expressões históricas para mostrarem que são espirituais. E, então, é por isso que, às vezes, entram no «extremismo». Nós não somos assim. Nós somos mais na linha da Santificação, que tem expressão de bater palmas, de cantar... e o que nós cremos do baptismo do Espírito Santo tem três diferenças, como nós vamos explicar ou, às vezes,

⁵ Veja-se, por exemplo o capítulo 14 de 1 Coríntios, comumente intitulado: «Comparação entre o dom de línguas e o de profecia.»

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

expressar: outros dizem que é baptismo, outros dizem que é cheio do Espírito Santo, é da forma da linguagem [língua do Espírito Santo], que dá certos dons, conforme à Bíblia Sagrada. Então, dentro destes dons da Bíblia Sagrada, como nós falamos «em línguas estranhas», mas não como os Carismáticos que, falando em «línguas estranhas», faz mais parte do seu culto do que a Palavra [de Deus]. Se uma pessoa falar em línguas deve ter automaticamente a interpretação [na língua vernácula]. Se não houver, então, a Bíblia nos ensina a calarmos. No «sensacionalismo» existe a dança e tudo. Aqui, se alguém quiser dançar, nós abrimos a porta e a pessoa continua dançando até chegar lá fora. E nós dizemos: «Vá procurar um lugar onde você possa expressar isto». Então, nós defendemos tudo o que é moderado. A Bíblia traz a Ordem. Os Carismáticos dizem que nós não somos carismáticos. Como não somos? Nós temos esta linha da Santificação. O uso da linha da Santificação vem dum dos nossos professores leitores que foi Dr. Roy M. Gray, juntamente com o seu colega, Dr. Frank Charles Thompson, da *Thompson Chain Bible*, que vem de uma linha de pentecostais, da linha da Santificação. Então, saímos desta linha, como Dr. Dwight W. Vogel e outros. Mas nós também temos a linha de Dr. G. Campbell Morgan (1863-1945) e a linha de Dr. Spurgeon, a linha de Dr. Kayserlik, a linha de Dr. Rayrye. Outros antigos levam esta linha do Evangelho, bem em Santificação, à letra. Por isso, nós cremos na Doutrina sistemática, que é muito importante, cremos no Dogma, às vezes para averiguar aquilo que está lá na Bíblia. Mas também temos duas coisas muito importantes que usamos na nossa Igreja: a *Harmonética* e a *Amulética*, para não tirar o suco [sumo] de laranja de um limão. Essas são algumas das nossas linhas. Nós somos mais da parte da Doutrina, que é muito importante. O meu Pastor Associado vai graduar, vai receber o seu Mestrado.

JAL - Vocês aqui têm Estudos Bíblicos, uma Escola Dominical...?

Rev. JMA - Nós temos o Instituto que é dado pelo *Liberty Bible College*, do Dr. Jerry Lamou Falwell (1933-)⁶ que nos deu autorização para trazer este estudo para a nossa Igreja. Então, todos os nossos professores têm de fazer estes cursos no *Institute of Biblical Studies* e tirar cadeiras. Todos aqueles que estão envolvidos no Ministério na nossa Igreja devem tirar cadeiras e continuar os seus estudos sobre assuntos cristãos. Quem não fizer isto, não ensina. Ninguém pode dar aquilo que não tem. Se você é ignorante, passa o quê? Então, nós temos culto na quarta-feira, em Português, na sexta-feira em língua inglesa, mas temos aulas para todas as idades. Na sexta-feira vêm cinquenta, sessenta jovens, enchem o lugar só de jovens, e nós ensinamos à nossa juventude, em inglês. No domingo, às 9h00, é o culto de língua portuguesa. Às 9h30 todos os adultos que trabalham na Igreja são obrigados a ir à oração, lá em cima. Se eles não aparecerem, não podem ensinar. É bom ser molhado. Quem não é molhado não pode dar água. Às 10h00 temos aulas para todas as idades. Quando eu estou fazendo o culto em língua portuguesa, eles estão ensinando em língua inglesa lá em cima. O culto em língua portuguesa acaba e os anglófonos entram para o culto de língua inglesa. Temos um bom número de pessoas na parte educativa. O nosso lema é: educar, educar, educar. O professor tem de ser educado para ele, por sua vez, educar os outros. Pastores, diáconos, presbíteros, todos estes têm de passar por isto, devem estudar. Quanto ao baptismo, já fizemos cinco baptismos. Amém! E agora em Julho [de 2006] vamos ter

⁶ Pastor evangélico e tele-evangelista norte-americano, fundador da *Thomas Road Baptist Church* em Lynchburg, no Estado da Virgínia.

TESTEMUNHO – ENTREVISTA A REV. JOHN M. AMARAL, PH.D

outro. Tivemos um jovem, de quarenta e nove anos, foi um que saiu da cadeia, ficou aqui connosco, foi transformado. Foi uma bênção. O nosso baptismo é por imersão.

JAL – Há alguma diferença entre a maneira de expressar a Fé entre a sua denominação – em Portugal assim como em outros países de língua e cultura portuguesas – e as outras denominações protestantes, sobretudo aqui, na Nova Inglaterra?

Rev. JMA – Tem. Há algumas diferenças. Por exemplo, é muito difícil trazer as igrejas juntas. Eu tenho dois colegas muito, muito amigos, e com um deles estamos tentando unir [a igreja]. Às vezes, nós como homens, unimos, conversamos, falamos, sem problema, mas, às vezes, é difícil trazer duas igrejas porque a administração vai ser diferente. Por exemplo, nós temos nesta área centenas de restaurantes de língua portuguesa, principalmente em Fall River. E cada um deles diz: «Bife à portuguesa». Mas cada um tem a sua diferença. Se eu estou ensinando uma linha, que nós chamamos linha de pensamento, aí se eu levo a Igreja, o Povo, para outra igreja, podem-se trazer maus hábitos. Por exemplo, um meu colega dizia que Jesus era rico. Eu não ensino isto aqui. Agora, se eu trago uma pessoa que vai administrar coisas que são diferentes, então, aí é difícil. É difícil unir às vezes as igrejas porque a Congregação vai receber coisinhas diferentes que nós temos de deitar fora. E isto parece desrespeito para o outro ministro. E eu não queria que alguém fizesse isso comigo.

JAL – Há alguma diferença entre a maneira de expressar a Fé entre a sua denominação – em Portugal assim como em outros países de língua e cultura portuguesas – e a sua congénere anglófona, sobretudo aqui, na Nova Inglaterra?

Rev. JMA – Muito. Muito. Uma delas é o seguinte: em poucas palavras, o português que aceita Jesus enraíza. Como ele era fiel no Catolicismo, ele não vai sair. Os nossos portugueses aqui, temos ainda oitenta por cento de todos os portugueses que existiam quando eu vim do Brasil. Mas os americanos [anglófonos], hoje estão aqui, amanhã já saíram. A maioria dos americanos só fica por dois ou até cinco anos. Há uma grande diferença quando uma pessoa se converte: quando se converte um português/lusófono e quando se converte um anglófono. Você pode ver o nível de vida.

JAL – A nível de oração, como reza um português/lusófono e como reza um anglófono?

Rev. JMA – Um português expressa-se com emoções. Aí o americano expressa-se com reserva.

JAL – O senhor visitou outras igrejas – da sua denominação ou não – em Portugal ou em qualquer outro país ou área de língua e cultura portuguesas?

Rev. JMA – Eu estive na Igreja da Assembleia de Deus. Preguei em dez igrejas. Uma delas, lá em Lisboa, onde era Pastor o Luís Reis. E estive lá com a vovó Gandhi – neta do Mahatma (alma grande) [Mohandas Karamchand Gandhi], (1869-1948) –, que é convertida, uma mulher de Deus. E o que eu vi foi o seguinte: dentro destas igrejas, o abuso, às vezes, por parte dos Ministros. Numa delas, do vinho, da bebida, infelizmente. O outro abuso que eu vi, que agora está mudando, por parte destas igrejas, Maná e outras, era na parte do legalismo, ou seja, a mulher não podia usar calças, não podia cortar cabelo, não podia usar maquiagem. Isto só para mostrar que aquilo era

A RELIGIÃO DOS LUSÓFONOS NOS E.U.A.

um tipo de santificação. Agora o homem podia fazer tudo. Mas a mulher não podia fazer isto. Então, era um legalismo terrível que eu via. Agora, estamos perante uma grande modificação. Também via como os pastores das igrejas menores às vezes eram vistos como se não tivessem sucesso, como se não fossem conhecidos. Reparava isto da parte dos «grandes», no domínio que eles tinham sobre os outros pastores. Isto foi uma das coisas que eu vi. Outra coisa que eu vi foi a fome nas pessoas. A Congregação tinha fome, tinha fome de alguma coisa, mas não recebia porque continuava no mesmo tradicionalismo e legalismo. Então, tudo aquilo que é por domínio, você não cresce. Eu via que a Igreja às vezes tinha mais domínio do que o próprio Jesus na vida das pessoas.

JAL – Se souber, poderia descrever a percentagem de luso-falantes não-católicos a residirem na Nova Inglaterra ou até nos Estados Unidos e no Canadá? Existem dados/estudos sobre isto?

Rev. JMA – Portugueses, temos, mais ou menos, mil. Isto na nossa área aqui. Isto não abrange os Cabo-verdianos, não abrange os Brasileiros.

JAL – Na sua opinião, baseando-se na sua experiência em mérito, é mais fácil converter um português (continental, madeirense ou açoriano), um brasileiro ou um africano/asiático lusófono?

Rev. JMA – É muito mais fácil converter um brasileiro e um lusófono africano/asiático. O português continental vai fazer mil e uma perguntas antes de chegar lá. Às vezes o brasileiro é «oportunista», mas, ao mesmo tempo, é «caloroso». Tem brasileiros como o passarinho beija-flor, vai e pega. Então ele vai. O brasileiro sabe conquistar, sabe conversar, porque é caloroso. Agora, a conversão dele aí, às vezes, é muito superficial. Nós tínhamos uma igreja de brasileiros, tínhamos quarenta e três pessoas, aqui, e, num domingo, viemos fazer o culto e só havia duas pessoas. O resto tinha ido para a Florida. Às vezes o brasileiro vai mais pela oportunidade. Agora, isto não significa que de cinquenta você não vai achar um. O meu futuro genro é brasileiro. Eu pastorei numa igreja brasileira. As igrejas que nós abrimos eram brasileiras. Mais de dez igrejas. E colocámos pastores nestas igrejas. Agora, eles correm muito, porque alguns são ilegais, outros estão aqui temporariamente. Então, eles não ficam num lugar. Mas, o brasileiro é muito fácil de trazer para Jesus. O espírito brasileiro abre-se mais ao ouvir a Boa Nova. Ele abre-se, ele fica, ele expressa-se, ele trabalha, ele opera, mas não quer dizer que ele vai ficar contigo. Mas para você ganhar um açoriano vai levar-te talvez dois ou três anos. Numa semana você ganha um brasileiro. Os africanos de língua portuguesa estão muito mais perto do brasileiro. São mais abertos. Eles também têm uma tradição familiar. Eles vão ficar dentro da família. Eles vão mais à base da família. Os Africanos, como os Açorianos, baseiam-se na família. Isto porque é a família que constrói a Comunidade. É a família que traz ordem, respeito, tradição e cultura. Porque a família traz cultura. Agora, quando existe um espalho qual é a primeira coisa que acontece, que vai embora? A cultura. A tradição da pessoa vai embora. A minha sogra faz uma massa gostosa mas a minha esposa não vai fazer a massa. O meu pai faz o vinho, e tem os seus oitenta anos, mas eu já não vou fazer vinho. Quando existe o espalho, aí também a cultura desaparece. Quando se perde a cultura, através da tradição, se perde a identidade, já não existe mais a importância de ser aquilo que eu sou. Então, isto está desaparecendo, principalmente nos brasileiros. Você pode reu-

nir os Brasileiros mas é difícil, às vezes, reunir os Portugueses. A única maneira é através da tradição e cultura. Para você ganhar um açoriano, você deve ser primeiro seu amigo, para ganhar confiança. Depois pode falar de Jesus. Na minha experiência, o continental é mais estudioso, ele vai mais à parte da realidade, «*he would have to rationalize things*», gosta de racionalizar tudo. O cabo-verdiano também é muito fácil. Também é trazido para Jesus, mas mais através de um misticismo, de um Jesus que cura. Também no brasileiro há este interesse no Jesus que cura. No açoriano, quando ele aceita Jesus, está à procura de um relacionamento com Jesus. Por isso a Igreja Universal do Reino de Deus não opera muito bem nos Açores ou com os açorianos. Aí o açoriano vai para ser curado, libertado, mas ele continua nas mesmas místicas. De seis em seis meses traz o mesmo formalismo. O açoriano vai: «Ah, tem negócio aqui, tem alguma coisa por trás disto». O cabo-verdiano fica mais com a sua tribo, com o seu Povo.

JAL – Para terminar. Onde foi a sua melhor experiência, aqui, em Portugal ou no Brasil?

Rev. JMA – Para dizer a verdade foi no Brasil. No Brasil a maior experiência que eu tive foi vendo a mão de Deus — eu tinha vinte e cinco anos de idade — sem saber como funcionar, sem saber como conversar com aquela gente, sem ter a língua própria. Eu entendia alguma coisa, entendia algum português. O português açoriano e o português brasileiro são totalmente diferentes. Mas vendo Deus operar na minha vida e transformar o meu coração, ter gosto, não pela obra, não pelo sucesso, mas ter gosto pelas pessoas. Ainda em cima de serem maltratados às vezes por pessoas de igreja, mentindo, mas uma coisa vendo que Deus estava comigo porque estava me ensinando alguma coisa, mostrando a mim que não é a obra. Uma das marcas que fica no meu coração, para o resto da minha vida, é uma avozinha, a honra que ela teve de eu estar na casa dela, uma casinha pobre, com cozinha simples. Mas ela morava lá em cima, no morro. E ela disse: «Pastor, você vai visitar a minha casa?» «Sim, eu vou». Subimos, subimos, subimos. Depois de uma hora e meia cheguei à casinha dela e ela chorou com a honra de eu estar na casinha dela. Isto fica gravado para o resto da minha vida. Eu estar na casa dela. Eu estava visitando, estava gostando de estar na casa dela. Mas Deus estava falando ao meu coração. Isto é que me agrada, trazer um sorriso a uma destas velhinhas. Isto é que me leva e me deixa ficar na obra. O maior sucesso é este: não perder o gosto de dar continuação àquilo que nós somos. Aquilo que Jesus fez na nossa vida. Isto, então, é uma alegria. A maior alegria é esta. Eu sei agora como Deus tem operado. Foi só tomar uma decisão, ou sim ou não. O maior sucesso.

JAL – O senhor tem algumas palavras finais para os leitores?

Rev. JMA – O nosso povo de língua portuguesa — principalmente os Açorianos — que nós temos visto aqui, tem um desejo: ele deseja ter Jesus, ele ama Jesus, ele conhece quem é este Jesus, e o que está travando este desejo é aquela antiga Tradição que é inseparável e às vezes nós vemos que estes ministros antigos da tradição que são os padres têm a verdade mas continuam levando o seu Povo... Eu falo, eu falo numa prisão, porque o nosso povo açoriano ama Jesus. Ele tem uma coisa que muitos não têm: tem muitos, muitos católicos que são salvos, que verdadeiramente têm Jesus, mas aquilo que ainda não têm é aquele relacionamento de saber conviver com Jesus. A vida sagrada para os nossos açorianos é fechada, porque os sacerdotes não a abriram. Quando conhecem Jesus, Aleluia.

